

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parochial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO IV

MELGAÇO, 15 de Janeiro de 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 15

Respondemos ao Presidente do Nosso Município, e também, ao Sr. Dr. Júlio Outeiro Esteves

A nossa resposta, contundente e esmagadora, ao Sr. Dr. Carlos Luís da Rocha obteve uma contradição *ilusória* (porque só existe no cérebro de Sua Ex.^a) e a entrada em cena do Sr. Dr. Júlio Outeiro Esteves: dois nomes que se deleitam no aconchego do «Notícias de Melgaço» onde, até «falam os mortos» que parecem de ordem *triangulada*.

Marquemos, desde já, a *distância* que nos separa desses senhores: eu publiquei a Nota Oficiosa do Sr. Presidente da Câmara, a fim de que os nossos leitores *conhecessem* o que eu e o meu adversário escreviamos; os Srs. Drs. Carlos da Rocha e Júlio Esteves, que por dever de ofício, se lhes faltasse a dignidade e a honra, de homens sérios, têm obrigação de dar aos cidadãos a verdade integral e elementos para a julgarem, respondem sem transcreverem o meu «Respondemos ao Presidente do nosso Município».

É desta maneira que se diz informar o público, que se diz pregar a verdade, *ocultando* o que a decência, e o próprio Salazar, realizam na sua política de altos princípios, e os funcionários atraíam, às vezes, *ocultando* a voz do adversário.

É desta forma que Suas Ex.^{as} orientam (desorientam, é que é) a opinião pública?

De novo inserimos neste jornal as suas respostas: nós não tememos o julgamento dos leitores, nós não recamos que a lama nos salpique, nós não tememos o desprestígio social, nós fomos ensinados, desde os bancos da escola primária a lutar de frente; nós não queremos a vaidade do lugar público, nós não nos acobardamos de entregar o cargo, quando o não desempenhamos bem, nós temos demonstrado na vida que vivemos para servir e não para ser servido, que servimos ideais e não homens, que respeitamos o amigo, mas não atraçamos a verdade, que não confundimos amizade com mentira, adulação ou subserviência, e finalmente, que nunca tivemos nem temos, *candidatos* ou *delegados* nossos para a política concelhia.

Marcamos para já a *diferença*: nós, leais, correctos (se tivéssemos sido incorrecto com a categoria do advogado Carlos Rocha, já estávamos no banco dos réus;) abertos à pelega franca, para bem da terra, da sua gente e do prestígio da *alta* política, dando aos leitores elementos para nos julgarem; *eles* (Drs. Rocha e Júlio)... o que vimos...

Nós só atacamos quem surgiu a impugnar a nossa local; e, eles (Drs. Rocha e Júlio) responderam ligando os meus irmãos à minha pessoa.

Agradeço falar nesta *união* de família, porque até parece razão de inveja de Suas Ex.^{as} — aqui não há brechas, nem separações... graças a Deus. Terão inveja da posição que ocupamos? Não a pedimos! Não queiram demonstrar que o invejoso é o homem mais vil neste mundo.

Juntaram os meus irmãos e quiseram atacar um nome, nome de família, onde jamais houve quebras, e sempre a mesma atitude. O ódio andava-lhes no ventre, o ciúme corroía-os. Há um homem, Sr. Dr. Júlio, cujas cinzas se devem ter nevoltado contra si, cinzas sagradas, que eu respeito sem que me pertençam!... Este morto deve-lhe ter falado...

No nosso artigo de resposta, podíamos ter ligado

(Continua na 5.a página)

A NOSSA POSIÇÃO

Sr. Dr. Júlio va-se em dois pontos: florestas e milho.

Se desejávamos que alguém ficasse à margem desta polémica, esse alguém era V. Ex.^{cia}.

Não queremos esquecer o seu trabalho, a sua dedicação, o seu esforço em pró da nossa terra e da Religião.

Deve-se lhe muito, meu amigo!

Como sacerdote, não queremos desligar forças, que amanhã bem precisas serão. V. Ex.^{cia}, na qualidade de Presidente da U. N., deseja-as certamente unidas, naquilo que puder ser.

§ § §

A questão inicial foca-

Surgem-nos agora e simultaneamente muitos ataques (cremos que tempestade num copo de água...) e serenamente, lealmente, desejava encontrar-me com V. Ex.^{cia} e falar-lhe assim, respondendo à sua nota oficiosa de 8 de Janeiro.

Deixemos aquilo que não tem interesse algum, como por ex. o dizer-se que ela, A Voz, decaiu no conceito do público ou que a última fase da sua vida dispense todos os nacionalistas de a lerem...

A verdade é outra: somos muitos e temos muitos amigos.

Vamos pois à questão.

A nossa política

O snr. Dr. Júlio diz: — «A Voz de Melgaço, nem é jornal da situação».

— Tem razão, snr. Dr. Não somos órgão da situação nem de partido algum. Desde o primeiro número do jornal que esse ponto ficou esclarecido.

Somos um jornal católico, fora portanto e acima de qualquer partido, ou organização política.

As palavras do snr. Dr. Júlio mostram que estamos a seguir o mesmo caminho.

Mas não queremos confusões.

V. Ex.^{cia} afirma: — «*ter* (tala-se de A Voz de Melgaço) publicado o *celebríssimo* «POR QUEM VOTAMOS NÓS», em que se procurou atacar a política do Estado Novo».

— Isto já é grave, snr. Dr.. E não é verdade!

Fui eu o principal autor desse artigo. (O snr. Dr. Júlio dá-lhe o epíteto de *celebríssimo*).

Caso foi assim: — S. Ex.^{cia} o Sr. Presidente do Conselho, no Congresso da U. Nacional, realizada no Porto, abriu a campanha eleitoral para a Presidência da República em 7/1/1949 e todos os portugueses dignos iam pronunciar-se livre e honestamente sobre defeitos e qualidades do Regime.

Jornal do concelho, com bastantes centenas de assinantes, com a responsabilidade oficial de católico, em momento particularmente grave na história da Nação e do Regime, com o desencadeamento das forças comunistas e maçónicas, devíamos intervir e orientar. Era um direito e era um dever.

Fizemo-lo com lealdade e com desassombro. Dissemos o que devíamos: corporativismo, grémios, florestas, emigração clandestina, problemas da Lavoura, renovação material e espiritual do país, etc. etc... tudo o que nos merecia real interesse, foi

(Continua na 4.a página)

Coadjuvemos a nossa

Câmara Municipal,

ou que ela nos coadjuve a nós?

Escrevendo para público ao relatório da gerência de há bastante tempo, sempre iomei a plena responsabilidade dos meus artigos

Em geral assinava Bernardo Pintor, junção do meu apelido de família e de um alcunha herdado de meus antepassados.

Por vezes assinei, já, artigos de outro modo, mas não com pseudónimos, que quero dizer nomes falsos ou supostos.

Com a mesma epígrafe supra «Coadjuvemos a nossa Câmara, ou que ela nos coadjuve a nós?» publiquei dois artigos neste jornal há cerca de dois anos. Neles fazia crítica ao «Plano de Obras para 1948-1949» da nossa Câmara Municipal, que o jornal havia publicado. O título era um trocadilho a outro usado no mesmo jornal, «Coadjuvemos a nossa Câmara Municipal» em que se fazia referência

ao relatório da gerência de 1947, transcrevia o discurso do Sr. Presidente da Câmara na sessão que votou a mesmo relatório.

Assinei esses dois artigos com o meu nome próprio Manuel António.

Julgo que a ninguém de vo satisfações dessa atitude que não teve em vista fugir a responsabilidades, mas se alguém pretender as razões eu posso dizer-lhas, porque elas me não rebatçam.

Na sua NOTA OFICIALIA sem data (1), publicada em NOTÍCIAS DE MELGAÇO de 8 do corrente, o Sr. Dr. Júlio Outeiro Esteves, mui digno Presidente da C. C. da União Nacional em Melgaço, diz que nestes meus artigos «se fazia, embora, veladamente, o ataque (1.º ataque) ao

(Continua na 4.a página)

NOTA OFICIOSA

DO SR. DR. ROCHA

Não respondo ao arrazoado do Senhor Júlio Vaz.

Esse Senão: foi de tal maneira infeliz, imprudente e maltratado que a resposta obrigatória a partir-me das minhas normas elementares de boa educação que todo o cidadão deve conhecer, mórmente quando esse cidadão é um sacerdote.

E, se hoje me sirvo novamente das columnas do «Notícias de Melgaço» para publicar uma nota officiosa, que não é a respeito que me mereceu a gentileza da minha terra e todos aqueles que vivem acima dos dós pessoais, da injeição e do despeito, os interesses do concelho de Melgaço.

A si, Senhor Júlio, devo-lhe apenas uma explicação.

Publicei a nota officiosa de 23 de Novembro no «Notícias de Melgaço», porque é esse o jornal de Melgaço. E' certo que circula por aí um outro com um título que pretende fazer crer que representa a voz de Melgaço, mas não representa. Representa sim, a sua voz, a dos seus...

E já que me fala em confissão politica, devo dizer-lhe que não poderia merecer-na um jornal que no periodo mais grave, menos seguro da actual situação politica, a atacou impiedosamente a ponto de merecer, segundo dizem, as felicitações dos elementos mais desadidos da opposição nas columnas de «A Voz de Melgaço» de 15 de Janeiro do corrente ano.

Até hoje tem-me merecido essa confiança o «Notícias de Melgaço». O passado desconhecido e não me interessa. Interessam-me o presente e o futuro, os homens que lá trabalham só me têm ajudado na minha missão de modesto, mas desinteressado servidor da politica do Estado Novo.

Mas, ainda que estas duas razões não bastassem, dir-lhe-ia apenas que publico as notas officiosas onde entender, porque ninguém me obriga a publicá-las neste ou naquele jornal. Não estou sob tutela. V. Ex. é certamente gostaria de ser tutor. Tinha paciência e sofreria resignadamente o desgosto de não ser.

Votamos aos dois assunhos da minha nota officiosa de 23 de Novembro, já que o Senhor quis lançar novamente a confusão.

Serviço Florentino: Falei apenas como Presidente da Câmara e, consequentemente, faguei o problema em relação a este concelho. Foi-lo precisamente em consequência da minha situação condicional, porque era neta que se em contraria envolvida a ser-pente venenosa.

O Senhor sabia muito bem que alguma coisa se tinha feito e talvez proposadamente a ocultou.

Milho: Neste ponto a sua resposta é de tal maneira infeliz, contusa e disparatada que nem a tal história do dicionário e da lição de boria o salvou. Como a lição foi de graça não se lhe devia exigir muito. Se fosse paga, dir-lhe-ia que lesse mais algumas vezes o dicionário...

E pede V. Ex. que me retire?... Parece impossível! Ah! já me esquecia V. Ex. não pede V. Ex. exige o que é muito mais. V. Ex. chega a ter graça com essas exigências a si ser leas.

Tinha cá, não seja precipitado, não seja imprudente. Deixe-se de malabazismos, de

jogo de palavras e apalpe a realidade dos factos. Essa encontra V. Ex. a minha nota officiosa. Quer V. Ex. destruí-la, é certo, mas espalhe-se... até quando afirma que a Rouças já chegou milho de fofra. Na nota officiosa dizia eu que tinham entrado já muitos milhares de quintos no concelho. V. Ex. não lhe isso? Se lhe compreendeu uma coisa muito diferente: que eu dissera que o concelho produzira milho sufficiente para satisfazer as suas necessidades. Não foi isso que eu escrevi, nem tal coisa me estava no pensamento, pois não igno a escassez da última colheita. V. Ex. parece confundido. Eu desculpo-o porque sei que V. Ex. é uma pessoa nervosa e que não domina os nervos, e estes, quando não se conseguem refrear, tolhem-nos a razão.

Devo pretenho de que aos seus ataques responderei com o mesmo e formularei votos para que V. Ex. se corrija e entre no caminho do bem, da paz e do amor. Como sacerdote, que é, já por ele há muito devia caminhar. V. Ex. é uma pessoa de bem que se perdia, mas que voltará a encontrar-se. Então deixará de ser um elemento pernicioso para ser um elemento útil ao seu concelho, ao nosso concelho.

E para terminar quero dizer-lhe que continuo plenamente tudo quanto disse na nota officiosa de 23 de Novembro. Os factos são aqueles, a verdade é só aquela.

Melgaço, 26 de Dezembro de 1949.

O Presidente da Câmara,
Carlos Luis da Rocha

DO SR. DR. JULIO

«Respondo ao Presidente do Nosso Município» publicado em «A Voz de Melgaço» de 15 de Novembro assinado por Sr. Júlio Vaz, se no concelho criou uma ligeira efervescência de animos, provocou também um repulso de apoio ou de subscrição ás ideias expandidas e aos fins almejados pelo articulista, repulso não nido que desnecessário se tornaria, talvez esta ou qualquer outra nota officiosa, tanto mais que não se chegue a compreender bem o motivo porque ali apparece o meu nome.

Mas, como parece pretender aliar-se o Presidente da Commissão Concelhia da União Nacional, impõe-se-me a obrigação de esclarecer o caso muito embora a situação politica de «A Voz de Melgaço», nesta última fase da sua existência, seja já tão conhecida na terra e até fora, que dispense todos os nacionalistas de a serem, de a commentarem e, sobretudo de por da se orientarem.

Mas se a «Voz de Melgaço» não assim fôr baixo do contacto do público e por isso a sua direcção não mereça qualquer gentileza, ao povo desta terra devemos uma explicação.

O católico, porém, talvez não devesse dá-la e esse guardará sempre *quand même*, o respeito devido a categoria dos directores, ministros da sua religião.

Mas o politico tem obrigação de falar e esse diz o seguinte: Não vão longe ainda os tempos em que as columnas de «A Voz de Melgaço» andavam pe-

jadas de elogios ao Presidente cessante da Câmara Municipal e ao actual Presidente da Commissão Concelhia da União Nacional.

Esses elogios explícitam-se porém. Era a amizade que falava ao referir-se ao Presidente cessante da Câmara Municipal e mais do que a amizade devia falar a gratidão por tantos e tantos motivos cujo relato não importa agora trazer a lume, porque, se é certo que elles se apagaram na memoria dos mentores do jornal andam ainda bem vivos na recordação da gente desta terra. Recordemos apenas a ajuda material dispensada pelo antigo Presidente da Câmara á Organização do Congresso Eucarístico.

Era ainda a amizade que falava quando se dirigia ao outro politico. A identidade de crencas religiosas e de aspirações locais fôr-a criando, até que um dia surgiu o pensamento da fundação de «A Voz de Melgaço».

Uma vez, contudo, os elogios chegaram ao superfluo; mas como o homem e o politico, os dispensavam e longe estavam de tentar ou manter na terra uma escola de elogio infinito, pediu e fez acabar com tanta afeição.

Em vez de elogios surgiram depois criticas e más vontades, mas bem mal disfarçadas.

Porque tal reviravolta? E' fácil também a explicação. No referente ao antigo Presidente da Câmara não vou aqui a historiar factos que só indirectamente me dizem respeito, embora me reserve o direito de os trazer a este jornal se algum dia o entender necessário.

Direi, no entanto, que o facto de anla em esquecidos a questão do abastecimento de água da Vila, os batidos da freguesia de Rouças, a história da Igreja, e tantos outros que se provam, poderão ser recordados em qualquer momento que se torne oportuno para publicar o que se pretenda do homem a quem se estavam confiando os destinos do concelho e que não podia abdicar do seu cargo, da sua dignidade e do seu caracter.

Tentaremos ser breve agora, por termos de ser sucinto nos referencias feitas ao modesto quinzenário de que fui um dos fundadores e o único fundador nas columnas de «A Voz de Melgaço» mal tratado.

Tem, por fim, explicação o inusitado caso, pois tudo neste mundo tem a sua explicação e, quando, tal não acontece nós os católicos, temos ainda a grande recourse á Providência Divina.

E' Ela, a Providência Divina, que julgará os nossos actos e não haverá nessa hora o subterfugio das *confessionals* para nos desculparmos.

Vejamos a explicação: No.º de 15 de Março e 1.º de Abril de 1948 publicava «A Voz de Melgaço» um artigo intitulado «Coadjuvemos a nossa Câmara Municipal ou que ela nos coadjuve a nós?» em que se fazia, embora veladamente, o ataque (1.º ataque) ao Dr. Elísio Pimenta, então Presidente do Nosso Município.

Eu não costumo guardar a correspondências, mas da minha memoria ainda não se apagou o que nessa occasião escrevi ao Director e que motivou a suspensão da colaboração do autor do artigo mas apreciações ao plano da nossa Câmara.

Em, facto curioso! esse numero do jornal publicava no fim da 3.ª página uma pequena local a anunciar a vinda breve para a nosso concelho do

Sr. Dr. Luís Rocha actual Presidente da Câmara.

Passasse alguns meses e o no.º 1 de Novembro de 1948 publicava uma correspondência da Gave em que foi offendido o Agricultor da Serra da Penada.

Este consultou então o advogado Sr. Dr. Elísio Pimenta que procurou resolver o caso amigavelmente em aenção á amizade que o ligava a mim.

O advogado dentro dessa orientação, pediu-me uma rectificação do escrito visto estardiente que os factos não correspondiam á verdade; por minha vez sabida a verdade dos factos expus o caso e pedi a rectificação ao articulista de «Respondo ao Presidente do Nosso Município».

A resposta foi porém desconcertante.

Num postal, se a memoria me não atraiçoa, entre outras vinham estas palavras:

A correspondência é de fulano.

Eu cá respeito a assinatura dos correspondentes...

Em consequência desse postal pedi a exclusão do meu nome do corpo redactorial e de editor, mas... — mea culpa, mea culpa... — fui-me lá deixando ficar por causa do «gáudio» que isso iria despertar, embora estivesse assente que eu seria substituído.

Fez ou vai fazer um ano fui visitado pelo Rev. P.º Carlos António Vaz que, entre outras coisas, me veio comunicar qual a orientação que o jornal pensava dar á campanha eleitoral para a Presidência da República, que se aproximava e com a qual não concordei de forma alguma. Voltei então a pedir a minha exclusão do jornal antes que tal intento fosse levado por diante.

Pedi e instei e ainda assim só passados meses os meiores do jornal cumpriram a sua obrigação, não sem primeiro a «Voz de Melgaço» fazer a sua campanha eleitoral e ter minha exclusão do jornal antes *quem votamos nós?* em que se procurou atacar a obra politica do Estado Novo... e isto trazendo ainda o meu nome a patrocinar tal... baivetez apesar da nota final.

Está ainda na memoria de todos o effeito que elle produziu. Tanto e tão bom que me deu cartões de felicitações... de Nacionalistas?... não!!! — de quem em são? —

Só em 1.º de Março foi annunciada a minha saída do jornal alegando-se como razão principal o meu estado de saúde havendo embora o cuidado de também falar em varias razões e todas dadas do maior respeito para quem dirige um jornal.

Não se explicaram essas razões e eu também entendi nessa altura que melhor era calar — mea culpa, mea culpa... — por causa do «gáudio» que iriam despertar.

Desde Março, finalmente, quando de facto se viu com o jornal «A Voz de Melgaço».

Não me interessam as suas campanhas. Muito menos era meu desejo que o meu nome lá apparecesse pelo que nada pedi ao jornal ou aos seus mentores e, muito mais ainda, lhes pedi que me *abstivessem*.

E' que os meus olhos já estavam abertos, a amizade já me não cegava, devo também confessá-lo e, a todo o momento, esperava para mim a sorte do meu amigo, Sr. Dr. Elísio Pimenta. Husterne Deputado por este Distrito á Assembleia Nacional, ao concelho de A VOZ DOS VAZ.

Porque, infelizmente para mim, não pude ser atacado como deputado (desta vez a culpa não foi minha...), foi dos outros que não souberam ver onde estavam os valores do nosso Distrito para serem aproveitados) pretenderem fazer-lhe agora nas par a aqueles que me conhecem não surtiu effeito a campanha e os outros, se me lerem, ficam agora a conhecer-nos e poderão apreciar-nos.

Os factos aí ficam a confirmar na sua singeleza como «Voz de Melgaço», não é jornal da situação, nem tão pouco regionalista defensor dos interesses de Melgaço.

Se alguns interesses defende não são os apontados com certeza.

JULIO OUTEIRO ESTEVES

Presidente da C. C. da União Nacional.

Noticiário

MOVIMENTO DEMOGRÁFICO — Durante o ano findo, registaram-se na Matriz desta vila: 40 baptizados, sendo 10 do sexo masculino e 21 do sexo feminino; 22 fétos, sendo 20 de adultos (10 de cada sexo) e dois de crianças (um de cada sexo); e 10 casamentos.

DOENTE — Tem passado algo adoeitado o rev. Firmino Gonçalves, Abade da freguesia de Brada. Deixamos o seu estado e completo restabelecimento.

CASAMENTO — Na Igreja parochial de Chaviães, celebrou-se no passado dia 1.º o casamento do nosso amigo sr. Fabiano Costa, desta vila, com a sr. Arminda da Cunha, da referida freguesia de Chaviães. «PENSAO MINHOTAS» — Accão de tomar posse desta comarca e acreditada pensão o sr. Armando Lourenço de Lima, a quem desejamos as maiores prosperidades.

FALLECIMENTO — Falleceu no Hospital da Misericórdia desta vila, onde se achava internado, por no dia 2 do corrente ter sido atropelado pela caminheta da carreira Monção-S. Gregório, um individuo apellidado «Zé Tolo» da vizinha freguesia de Paços.

Devemos acrescentar que este desastre deuse na Calçada no momento em que o sinistrado por ali seguia completamente embriagado, segundo dizem as pessoas que o presenciaram, o qual se atirou precipitadamente para a frente da caminheta.

DESASTRE DE VIAÇÃO — Quando no pretérito dia 30 do mês findo, o carro de aluguer pertencente ao sr. António do Paço (Fernand) deacia a Estrada de Casinos, guiado pelo filho do proprietário, António R. do Paço, ao chegar ás imediações de Pomares, devido a ter-se-lhe rebentado um pneu, desrappou e precipitou-se num barranco, donde só foi tirado, com muito custo, no dia seguinte.

Felizmente só há desastres materiais a registar. Os occupantes apenas sofreram o susto.

NOTÍCIAS PESSOAIS — Acompanhado de sua esposa, partiu, em 7 do corrente, com destino a Benguela, o valeroso advogado sr. dr. António Durães.

A Lavoura do Minho no Parlamento

Os deputados Dr. Elysis Pimenta e P.e Domingues Basto enfrentam o problema e anunciam um aviso prévio



Dr. Elysis Pimenta



P.e DOMINGUES BASTO

Reclemos, então, o «Diário da Sessão» e gostosamente verificamos que o que «A Voz de Melgaço» não idio foi apresentado no Parlamento, até com os mesmos argumentos, alguns deles...

Assim tinha de ser desde que a verdade é uma só.

Com o mesmo desassombro com que nos referimos ao Sr. Dr. Elysis Pimenta, quando foi escolhido para candidato à Assembleia por esse Distrito, com a mesma coragem com que, ainda neste número nos referimos a Sua Ex.a, o felicitamos por ter defendido os problemas da nossa terra e os haver posto com clareza.

Saudamos, ao mesmo tempo, o nosso antecessor no cargo que hoje desempenhamos em «Diário do Minho», o rev. Manuel Domingues Basto.

Damos algumas passagens do discurso do sr. Dr. Pimenta, esperando, se possível, publicá-lo na íntegra no próximo número, bem como o do sr. P.e Basto, e respectivas intervenções, por à hora à que recebemos o «Diário das Sessões» o nosso jornal já está pronto a ser impresso.

SOBRE MILHO E GADO DISSE O SR. DR. ELYSIO PIMENTA:

«Se as estimativas do Instituto Nacional de Estatística não falham, a produção do milho

no ano de 1949 sofreu uma quebra de 40 por cento em relação à média dos anos de 1938 a 1947.

Isso quer dizer que, se levamos em conta que essa média representa a produção normal, produção suficiente para satisfazer às necessidades do consumo, as populações do Norte, para as quais aquêse cereal constitui a base da alimentação, não terão milho para mais de meio ano e, como se está a verificar, parte delas nem para tanto o verão.

Em muitas casas já os espigueiros estão vazios e se vai vendendo o fundo às cabais.

São os rancheiros ou caseiros, que não pagaram as rendas ou pensões, mal colhem a semente e não possuem outros recursos.

São os proprietários, que não receberam as rendas, as pensões e que, vendo delas na sua maior parte, não gastam, não compram o que vão além do estritamente necessário, pois antes de tudo está o Estado com as suas contribuições e o grémio penhoralhes os créditos se não pagarem as quotas.

Accontente com o gado até um caso curioso. O gado ovino e caprino — reserva indispensável das populações serranas — tem sido vendido quase ao desbarato por virtude da seca, mas também pela ocupação dos baldios pelos Serviços Florestais; o gado bovino não encontra comprador, embora apareça nas

feiras com abundância, porque o racionamento e o tabelamento da Junta Nacional dos Produtos Pecuarios, lhe restringe a venda. Isto é, por um lado a lei da oferta e da procura e por outro um organismo de coordenação económica não corrompido pelo lavrador que do gado o preço que reputa justo para satisfazer as suas necessidades.

O lavrador, porque não vende, não pode comprar, e daí o reflexo que já se vai sentindo na indústria e no comércio, sobretudo das regiões agrícolas do Norte.

Paço-me que é altura de o Governo intervir e paço-me também que é esta a magnífica oportunidade de os grémios da lavoura prestarem o necessário auxílio aos lavradores e seus associados, estabelecendo-se do pouco que lhes restou até agora tem feios.

SOBRE AS FLORESTAS, DISSE O MESMO ORADOR:

«A verdade, sem o mais leve artificialismo ou exagero, é que a continuação da ocupação das serras do Alto Minho no ritmo destes três últimos anos, dentro em breve pouco restará para a subsistência dos seus habitantes, pois a produção das prornias terras de cultivo ficará reduzida a muito pouco, por falta de adulação.

Foi o próprio inquérito da Junta de Co-ordenação Inferna

que nos disse e tornou público que na zona serrana dos concelhos de Melgaço, Monção, Arcos de Valdevez, Parêdes de Coura e Ponte da Barca — e eu acrescento: Caminha, Vila do Castelo e Ponte do Lima — tem particular importância a criação de gados, em regime pastoril, nas terras baldias, que em muitos desses concelhos constitui o exclusivo recurso das populações serranas.

Que para a grande produtividade das terras contribuem fortemente as adulações orgânicas, feitas com muito recente cortado ou transformado em estrume, que a minhoto aproveita com a maior diligência;

Que à bouca, ou ao monte, voltamento florestal se deve do do Minho para obter o mato com que fabrica os estrumes indispensáveis à agricultura local e ao melhoramento animal orgânico das terras de cultura, constantemente depauperadas pelo negado;

Que na colmatão ou aproveitamento florestal se deve atender às necessidades de mato e pastagens da economia local.

Pois a mata ou a pouco se atendeu, e com este o gado bovino e cavalo estão a desaparecer, com grave prejuizo para a economia nacional.

D. João de Almeida

Facêcu em Lisboa este notabilíssimo fidalgo e militar distinto, que em horas difíceis da pátria esteve na Adelphi em casa do saudoso padre João Vaz a estudar planos militares em que haveria de intervir como um dos chefes mais categorizados. Paz à sua alma.

NOTÍCIAS PESSOAIS — Em Assembleia Geral, realizada em 29 do mês fidalgo, foi eleito para a Comissão Central do Conselho Provincial da Casa de Entre-Douro e Minho o sr. dr. Henrique Fernandes Pinto, talentoso casidico na cidade de Lisboa.

Na mesma Assembleia foi eleito como suplente para o Conselho Fiscal da referida instituição o nosso estimado amigo sr. José Augusto da Cunha.

Foi nomeado 2.º juiz adjunto do tribunal de menores desta comarca o sr. prof. Abelão Domingues.

FOLHETIM DE «A VOZ DE MELGAÇO» (8)

REI OU IMPOSTOR?

CRONICA PORTUGUESA por J. T.

— Senhor Mendoo... sr. peccado...
— Meu rapaz.
— Querem falar-vos lá em cima. Minha ama parece ali lá, e espera por vós.
— Adoçou?
— Não mo disse, nem se queixa...
— Que descanse, e breve se- réi com ela.
Era na praça da Torre Velha, do outro lado do Tejo, fronteira a Belém que se- lavam de trocarse estas poucas palavras. Neste tempo um dos interlocutores ausentou-se apressado, e o diálogo acabou. O personagem que ficara na areia, meio admirado, era o bem conhecido médico Mendo Pacheco, o outro, que já desapare- vera por entre uma ravina, e subia a encosta mais próxima, um criado da viuva de Crig- tovaõ de Távora, desse fidalgo

que fora um privado do rei D. Sebastião, e com ele e por ele se perdeu em Africa.
Pouco depois o facultativo afastava-se da praça em que o rio se espreguicava docemente, alargava o passo, e galgava a colina onde estava a habita- ção em que D. Francisca Cal- va residia.
Com semblante anciado e te- menoso já o aguardava a nobre dama, no mais alto da escada, quando ele subia. Toda a sua esperança se cifrava em Mendo Pacheco, fóra da sua dedica- ção e fidelidade, não havia en- contrar descanço à inquietação mortal que a consumia. O mé- dico conheceu toda a tribula- ção daquele espírito, e depois das saudações de respeito, disse-lhe composto o acento e a fisionomia, de modo que lhe inspirasse confiança:
— Aqui me tendes senhora,

Ordear e esperar que eu cum- pra o que mandardes, é coisa de que não é licito duvidar a quem tão de perto me conhe- ce como vós.
— Mestre, o meu desasso- seggo é grande; mas tem remé- dio, e reméδιο lhe podéis dar. Venha ele, entretanto, com prontidão, que o tempo é o caso, não comportam demoras.
— Falai...
— A esta hora em Guima- rães, na Serra do Camêlo, numas casas palhoças, paço-me um ferido que nos interessa... E' bem longe não é assim?... Mas não tem ninguém de quem possa confiar-se. Ireis em seu socorro?
— E esse homem...
— Descançai. Sabei que é de alta categoria, e isto vos basta. Pode livrar-vos de qualquer embaraço em que nos achre- mos...
— Algum poderoso...
— Muito... muito... mas isso não faz agora ao caso: a pes- soa pouco importa; se souber- seis quem é... Lembrai-vos só que não pode por muito tempo prescindir dos vossos auxílios. Partireis?
— Partirei, senhora. Nem peço transtorno que esta vis- gem inesperada pode causar-me,

tenho eu alma que resista à vossa súplica... disse D. Francisca agora uma ajuda para a jornada.
E acrescentando estas pa- lavras às últimas despedidas, estendendo a mão ao médico apertou-lha, deixando nela uma bolsa onde o ouro reluzia por entre a malha.
Mendo Pacheco agradeceu e sou. Breve transpõe o Tejo, e foi chegado a Lisboa. Em poucas horas tinha tudo prepara- do para a jornada, e já ca- minhão de Guimarães, onde qua- se sem tomar fôlego chegou cinco dias depois.
Tocando quase o termo da estrada real, que vanha directame- te de Penafiel, descobriu, enco- stado a um dos lados do caminão, um homem que todo era observação e cuidado. O desconhecido parecia esperar outro desconhecido. A aparição de Mendo Pacheco daquêle lado, o seu ar doutoral, a tãdiga que lhe estava pintada no rosto, e o desalinho em que vi- nha, mostrando que viajava sem tréguas reanimou o indi- víduo que ali estacionava, e os olhos, cansados de memore- tempo em vão rejuizaram elec- trocos.
— Senhor facultativo! — disse

eje saltando alegre no meio da estrada, e embargando o passo à muita fadiga, foi eleito para a Comissão Central do Conselho Provincial da Casa de Entre-Douro e Minho o sr. dr. Henrique Fernandes Pinto, talentoso casidico na cidade de Lisboa.

(CONTINUA)

A NOSSA POSIÇÃO

tratado; repetimos, com lealdade e com desassombro.

E, resumindo, dissemos no tal dia 15 de Janeiro de 1949:

Coadjuvemos a nossa Câmara

(Continuação da 1.ª página)

Dr. Elísio Pimenta, então Presidente do nosso Município. A seguir afirma ter motivado «a suspensão da colaboração do autor do artigo (altd artigos) nas apreciações ao plano da nossa Câmara».

Ainda hoje conservo e reafirmo a plena responsabilidade de tudo quanto escrevi.

Como sempre presei a verdade a cima de tudo, queria apresentar à consideração de S. Ex.cia esta pergunta:

«Poderá demonstrar que o Sr. Dr. Elísio Pimenta se sentiu mais ferido com aqueles meus artigos do que eu com outros anteriormente publicados em um jornal e que S. Ex.cia é Director e proprietário?»

Que m poderá demonstrar que escrevi sem conhecimento de causa, que advoguei algum interesse pessoal, que puz entraves ao progresso da nossa terra, que occultei aspirações regionais que eram do meu conhecimento?

Uma coisa mereceu um pouco de mordacidade nestes meus artigos. Foi o facto de chamarem caminho vicinal de Melgaço a Castro Laboreiro d' estrada de Cavaleiros. Essa responsabilidade, porém, não é do então Presidente da nossa Câmara, que, por certo, achou descabida ou insuficiente a designação e disse chamar-se vulgarmente estrada de Cavaleiros.

Da suspensão de colaboração do autor nada tenho a dizer. Que o diga quem conhece a minha acuação em A Voz de Melgaço de de seu n.º 1.

Trabalho desinteressadamente e sacrificadamente pelo estudo da nossa terra, sua história e seus problemas, e não sou daqueles que pagam aos periódicos a publicação dos seus artigos ou deles recebem qualquer recompensa.

Riba de Mouro 13 de Janeiro de 1950.

P.e Manuel António
Bernardo

«Já o afirmamos: Não podemos estar, nem estamos ao lado daqueles que tem como mau tudo quanto fez o governo do Estado Novo. Repetimo-lo: — queiramos ou não, a sua obra, porque gigantesca passa aos domínios de História, como uma grande obra de reconstrução e de paz no nosso país, a que já chamavam o país das bombas. É grande e nela intervieram génios, avaliando entre eles, S. Ex.cia o Sr. Dr. Oliveira Salazar. (E preventamos). Mas, porque é obra de homens, tem defeitos e graves! E, com sinceridade, temos pena».

E dizíamos adiante: «Apoiamos pois a candidatura do Sr. Marechal Carmona, mas avisamos: — Cuidado».

Foi claro o nosso pensamento.

15 dias depois, nas vésperas das eleições prevenimos:

«Não podemos estar com a oposição».

E no mesmo jornal: — «O dia 13 é decisivo, tremendamente decisivo».

«Votando pelo Sr. General Norton de Matos pões em leito as tuas terras, a tua mulher, os teus filhos, votas pela vitória». Fui eu mesmo o autor dessas linhas.

...E depois fomos votar.

Esses artigos, subscrevemo-los ainda hoje, com a mesma convicção e o mes no ardor patriótico.

Apontamos ao concelho as grandes qualidades do Regime, (leia-se A Voz de Melgaço de 15 de Janeiro de 1949) «Consideramos grande, admirável a Obra do Estado Novo. Depois de D. João V e do Marquês de Pombal, não conhecemos período de maior reconstrução» e também os defeitos do mesmo, que, sendo obra de homens, forçosamente há-de ter alguns.

De sua Ex.cia o Sr. Presidente do Conselho dissemos: é um génio.

Tivemos e temos a consolação de constatar que desde os mais altos postos e cargos da situação, desde S. Ex.cia o Presidente do Conselho que afirmou no memorável discurso de 7/1/1949: «O sistema não é perfeito (...)» «Não defendo por isso as coisas como se encontram actualmente» no Parlamento, nos comícios, todos os que admiramos a obra prodigiosa de Salazar prevenimos e avisamos!

O amigo avisa sempre! V. Ex.cia sabe como o

(Continuação da 1.ª página) autor destas linhas nessa altura, por ex., salvou a situação em várias trincheiras do concelho, onde ela estava rudemente ameaçada.

Também aqui, em Melgaço, cabem perfeitamente as palavras altamente elogiosas de S. Ex.cia o Ministro de Guerra, ditas por essa altura, mais ou menos estas: foram o clero e os professores que salvaram o situação.

O concelho pode falar. Os meus colegas podem dizer tudo.

§ § §

O Sr. Dr. Júlio diz na mesma nota officiosa que o autor destas linhas o procurou para «comunicar» qual a orientação que o jornal pensava dar à campanha eleitoral para a Presidência da República. (Era mais exato: estudarmos qual a orientação. Alguém que nessa altura me acompanhava, pode falar)

«Cumprí o meu dever, Sr. Dr. E fui leal. Como jornal oficialmente católico, com responsabilidades oficiais de católico, num Concelho Católico, a nossa orientação devia ser muito séria.

Nós cumprimos o nosso dever, mas V. Ex.ª, como Presidente da U. Nacional, cumpriu o seu: — O jornal, como católico, eu como representante, confesso-o, meu Amigo, pobre representante, da Hierarquia, neste concelho, cumprimos o nosso dever. V. Ex.ª como Chefe da política da Situação na nossa Terra, cumpriu e queremos dizê-lo publicamente no jornal, cumpriu bem o seu dever.

Porque havemos então de repreender-nos um ao outro? Foi por isso que no mesmo jornal que publicava o artigo «Por quem votamos nós», esclarecíamos: — este artigo é da exclusiva responsabilidade da Direcção e não do illustre corpo redactorial e seditorial. E dissemos tudo. O Chefe da Política da U. N. ficava absolutamente liberto de qualquer responsabilidade.

«Demoramos, é certo, a substituição dos nomes de Chefe de Redacção e editor, mas não foi tanta a demora. Poucos números mais e vieram com o nome de V. Ex.ª».

Entendíamos que, se até ali o Presidente da U. Nacional podia acompanhar-nos no jornal, sem

quebrarmos os princípios de orientação e acuação do mesmo (ele fora de política, V. Ex.ª, Chefe da U.N.) porque não havíamos de continuar juntos?

De certo, o processo para a substituição de nomes, nesses postos de responsabilidade dum jornal, perante as entidades oficiais e competentes do país, leva o seu tempo. V. Ex.ª sabe-o.

V. Ex.ª parece dar-nos já a razão, quando diz «mea culpa».

Meu caro Doutor, não exageremos: — de facto receu-nos cartões de felicitação esse artigo:

«Por quem votamos nós».

V. Ex.cia pergunta: — «De nacionalistas? — não, responde.

— De quem então?» Sim, doutor, de nacionalistas.

Não posso calar neste momento a minha gratidão para com um sacerdote distinto de fora do meu concelho, que fez mais, enviou um número para S. Ex.cia o Sr. Presidente do Conselho.

E se alguns fossem da Oposição? — A mesma União Nacional nos deu razão, incluindo depois na campanha eleitoral posterior, na lista de deputados, alguns elementos que não eram dos seus quadros e um mesmo, adversário do Regime.

Meu caro doutor, não queira nos ser, só nós, os nacionalistas.

As nossas campanhas

Diz V. Ex.cia do nosso jornal: — «Não me interessam as suas campanhas».

Surpreende-nos que o Presidente da U. N. da nossa terra fale assim.

V. Ex.cia, na sua espinhosa missão devia, cremos nós, aproveitar todas as boas vontades ao serviço da terra.

— Não lhe interessam as nossas campanhas...

Quando, já lá vão anos! naquela célebre reunião do Salão Pelicano, perante as Ex.ªs Autoridades e centenas de lavradores da nossa linda terra, tratamos de aliviar os nossos amigos que a grangeiam, das multas de videiras americanas (lembra-se?) e pediamos a venda livre do milho, uma intervenção do Sr. Dr. Augusto Esteves provocou uma tempestade de protestos, creio mesmo que se chegou a gritar: — fora!

foral, eu fui um dos oradores da sessão. Disse aquilo que senti e que me parecia a verdade. Ouviram-me gente de todo o concelho, desagradei-o (o nosso jornal publicou tudo!) O povo da minha terra sentiu que o amava, como V. Ex.cia e que o acompanhava.

Não se lembra de alguém me dizer depois que eu não tinha razão?

Mas fiz mais. Digo-o hoje, meu amigo, e digo-o a todo o concelho: — juntei os meus esforços aos das Autoridades da minha terra e fiz mais: — na Assembleia Nacional, no Parlamento de então em certo dia encontravam-se dois melgacenses, dando ali, com a sua presença, apoio moral ao chorado Dr. Rocha Paris, quando ali falava à Nação sobre os nossos angustiosos problemas do milho. Um deles era eu. Outro, já há muito que trabalha em Lisboa. (Lembras-te, Orlando?)

— Antes, estivera com S. Ex.cia no Hotel, historiando o nosso trabalho, as ânsias da nossa gente e pedindo que nos acompanhasse até o fim.

Fiz mais: — junto do meu querido Amigo, e antigo sábdito no Seminário, Dr. Manuel Fonseca, então um dos Secretários de S. Ex.cia o Presidente do Conselho, pedi e instei pela mesma solução se perdoasse a multa das videiras americanas e se deixasse o povo vender livremente o milho: — Lembras-te, Orlando?

— Não lhe interessam as nossas campanhas...

Sabe-o a gente da nossa terra: Com os da Gave estivemos na grande questão do Agricultor; com os de Castro, ao pedirmos carinho e justiça na questão da barragem projectada, de maneira que não houvesse prejuízos materiais. Com os nossos amigos do Monte, estivemos na questão das Florestas.

Veio tudo no jornal. Com eles, todos eles, estivemos na questão da Intendência; dos Grémios, da Guarda Republicana, dos preços do milho, dos salários, na própria questão de Alvaredo.

Não houve problema de real interesse na minha terra, digo-o sem orgulho e com satisfação, em que o nosso jornal não tomasse como suas as dores, as alegrias, as ânsias do nosso povo.

Por causa dele estive

(Continuação na 5.ª página)

Respondemos ao Presidente do Nosso Município, e também, ao Sr. Dr. Júlio Outeiro Esteves

(Continuação da 1.ª página)

o Dr. Júlio, católico convicto ao Dr. Carlos Rocha — católico de baptismo — e ao Dr. Augusto Esteves — de todos sobejamente conhecido — e dizer que entre estes dois tem baloiçado suavemente empurrado pelo Sr. Dr. Elyσιο Pimenta.

Não o fizemos, porque os nossos olhos só viram um nome, como adversário.

Citamos o nome do Sr. Dr. Júlio? Sim, quando falamos nos Serviços Florestais e, só, nesse ponto, porque a Nota Oficiosa juntou o seu nome, como corresponsável na resposta.

Percebeu, agora, Sr. Dr. Júlio, porque entrou no baile que, do seu lado, trás aparências, pelo que se lê em «Falamos os mortos» de máscaras carnavalescas ou macabras?

Nós citamos documentos públicos; o Sr. Dr. Júlio — o cidadão do bom tom, por excelência — esgaravotou frases soltas de cartas e não as publicou integralmente. Como classificar essa atitude? Deselegância? Desonestidade? Arditosa? Nada queremos dizer, se não: *De que lado esteve a dignidade, a lealdade e a boa educação?*

O Sr. Dr. Júlio procedeu infelizmente como aquelas pessoas, cujo nome é muito conhecido, as quais, zangando-se, vomitam o passado, pois que os sentimentos não lhe retêm o enjôo do que outrora foi doce manjar de espirito...

Nós preferimos, mesmo zangado, não peitar o passado, respeitar o adversário, porque se o não fizéssemos éramos destituídos de inteligência, éramos inferiores em educação, éramos vermes humanos.

Vamos responder a Suas Ex.^{as} julgando o advogado e o médico com documentos que se publicam unicamente porque levantaram questões sem fundamento e enganaram o público. Alguém os condena...

PRESIDENTE DA CÂMARA

O Sr. Presidente da Câmara na «Nota-Oficiosa», na primeira parte, dá conselhos ao padre, a quem trata por «Sr. Júlio», ele que não tem autoridade, pois é cristão, só, pelo baptismo... Os meus leitores sabem todo o significado desta minha afirmação.

A segunda parte aduz razões, pseudo-justificativas quanto à minha censura: censura que lhe fiz por haver publicado a Nota Oficiosa num jornal que não é da situação, por não ter tido a coragem e o bom senso de a enviar para o jornal que levantou os problemas. Vejam que nada responde.

Merece-lhe mais confiança «Notícias de Melgaço». Concordo inteiramente. A verdade vem sempre á tona da água.

Censurei o Presidente da Câmara que destoa politicamente ao publicar a sua Nota Oficiosa num jornal que não pode ser do E. N., pois contraria os seus fins (não discutimos a moral, disse Salazar) e que não pode ser de nenhuma situação política, séria:

- 1) porque se diz independente.
- 2) porque os seus responsáveis de Direcção pro-

Melgaço»: vontade que sempre nos manifestou e, que senti a revolta, quando lhe lembramos que ela se não cumpria. Justiça seja feita.

Ora o Sr. Presidente da Câmara ordenava que os anúncios nos fosse enviados. Por quê?

Por amizade? Não, visto que os nossos anúncios são bem mais caros do que os do «Notícias de Melgaço», e os atentos vogais e conselheiros não deixariam escapar verba tão grande. Por ser católico? também não é razão, visto que se o outro fosse neutro, em religião, e da situação, em política, não tinha que dar ordens por escrito.

Se esta, ordem não foi dada por amizade nem por ser católica, como explicá-la?

O Sr. Dr. Carlos Rocha diz que o passado do jornal lhe não interessa.

Que espertezal! Os presidentes que o precederam não lhe interessam, bem como as suas atitudes. É por isto que o progresso em Melgaço é do caranguejo. Interessa-lhe o cartório, porque nele é que está o «presente».

Oiga, sr. Doutor, a liçãozinha, de graça, e olhe é do direito: A Presidência da Câmara, o cargo, tem passado, presente, terá futuro, sem o Senhor, porque representa uma *continuidade* moral, servida por entidades físicas, momentaneamente. É por esta razão que não se pode identificar a sua pessoa com a da Presidência, como o faz na resposta, revelando desconhecimento do Direito, e também por isto é que a vontade da Presidência da Câmara pode não ser a do Presidente, se este não é sério, justo, digno, capaz, sacrificado.

É por isto sr. Doutor Rocha que, entre outras coisas, só os nervos, para não usar outra palavra mais expressiva, é que o forçaram a escrever: «Mas ainda que estas duas razões não bastassem, dir-lhe-ia apenas que publico as notas officiosas onde entendeu, porque ninguém me obriga a publicá-las neste ou naquele jornal».

É abuso unir-se até à identificação com o cargo que se desempenha: o cargo impõe deveres que o seu detentor tem de respeitar.

Nós, sr. Doutor, para saber isto nem precisa-

mos de ir a Coimbra nem das lições de mestre-escola. Percebeu?

A 3.ª parte aborda os problemas em discussão: «Serviços Florestais» e «Milho».

Continua Sua Ex.^{cia} a não saber ler, e licenciado em direito, não quer perceber os argumentos expostos.

Nós perguntámos:

«Há na Câmara um documento assinado pelas juntas das freguesias da serra e por responsáveis dos Serviços Florestais, no qual se diz que se faça o povoamento sem prejudicar os habitantes...»

Diga-me, sr. Doutor, este contrato já entrou em vigor?

O que os Senhores fizeram é situação jurídica definida conforme a este contrato ou é situação de favor?

Expliquem-se, sr.s Presidentes.

Nós aqui queremos que a lei se cumpra e os direitos sagrados se respeitem e, isto, não por favor,...

Que respondeu sua Ex.^{cia}? Na N. O. disse que o caso estava solucionado e no esclarecimento posterior que *alguma coisa* se tinha feito.

Em que ficamos, Sr. Presidente:

1) Há documento ou não há?

2) Que diz esse documento?

3) Que fez para que se executasse?

Isto queremos nós saber e o exemplo, legal, amistoso, de Viseu, que nós citamos, era o único caminho a seguir.

Veja, Sr. Doutor, os seus êxitos, descritos pelo seu próprio punho. A verdade tinha de se saber. «Apalpe a realidade dos factos», que o Senhor criou.

Nós falamos com a verdade. Em carta de V. Ex.^a sobre esta questão e na qual pede a intervenção do Jornal para ela, o que escreveu na Nota Oficiosa e na carta não condiz.

Se havia direitos, para que fez caciquismo que a política de Salazar condena, e muito bem? Recordação de outras eras? Não. Qualquer mau exemplo que tivesse presenciado?

A minha indignação, Sr. Presidente, ao deitarem o povo, contra V. Ex.^a está apenas nisto: é que querendo Salazar política séria, e fazendo-a, o Sr. Doutor Rocha, já lhe não

chamo Presidente, não a fez. Salazar respeita, protege e defende os direitos; não faz favores, contra o direito.

Um político deve dizer sempre a verdade, Sr. Doutor, quando se dirige ao público; e o Sr. Dr. Rocha como advogado, deve evitar percalços. Ora V. Ex.^a Sr. Presidente, acerca das Florestas escreveu:

1) que a questão estava solucionada, na primeira Nota Oficiosa

2) que *alguma coisa* se conseguiu, na que hoje transcrevemos

3) na mesma transcrita hoje, na parte final, que *confirma toda a sua primeira N. O.* portanto que a questão está solucionada.

Qual a causa, Sr. Doutor, desta cegueira espantosa?

Se não é a excitação nervosa — e esta não deve ser porque ma atribui... — não quero dizer mais...

Quanto ao milho, Sr. Dr. Rocha, escrevi...

«O povo pede milho... e a preço acessível».

Nem ao menos seguiu o exemplo nobilíssimo do governo. O GOVERNO CUMPRIU. A tempo e horas forneceu milhares de contos para a aquisição de milho colonial e, este, veio.

— Nós, desde a primeira hora, chamamos a atenção para este problema e afinal o milho está a vender-se caro na nossa terra. Sua Ex.^{cia} o Sr. Dr. Rocha o reconhece.

Que fez para atenuar o alto preço do milho? Nada, absolutamente.

Guardará as fronteiras... Substituíti, ao que parece, a Guarda Fiscal. Leia-se a sua nota officiosa.

O Governo cumpriu. Porque não deixou aos homens endinheirados o encargo de o mandar vir? Porque não ouviu o Sr. Dr. Rocha, nem aceita a sua orientação anti-política, pelo menos neste caso.

E o Governo serve, não se serve.

Ainda depois desta polémica, na qual o Sr. Dr. Carlos Rocha teima em ser duro contra a verdade, o correspondente de Couselo, Sr. P. e José Custódio Domingues, escreveu no último número de «A Voz de Melgaço»:

(Continua na 8.ª página)

A nossa posição

(CONTINUAÇÃO DA 4.ª PÁGINA)

com o Sr. Comandante da G. N. R. de Viana, é público, num dos Salões da Câmara, cerca de 3 horas.

— Quando em Agosto do ano findo, perante a inelcmeñda do tempo e a ingratiđão das terras, vimos um ano de seca, em A Voz de Melgaço denunciávamos ao povo e às Ex.mas Autoridades o perigo e as duras realidades, pedimos pão, muito e barato e também muito trabalho, para que assim os artistas, os caseiros, os pequenos lavradores, os pobres pudessem comprá-lo.

Onde houve dor do nosso povo, que nós não sentíssemos?

Quando os gados «pararam» e desceram de preço, fizemos sentir a nossa voz, leal e amiga!

Para a nossa vila, onde contamos com tantos amigos, em todas as classes pedimos mais que uma vez: abram rapidamente, tanto quanto possível, aquella estrada dos Arcos a Melgaço; vejamos se se consegue a abertura das fronteiras em S. Gregório e no Peso, façamos na rádio, na imprensa, em toda a parte o reclame da nossa linda terra.

Que venham até nós, muitas excursões, muitas visitas... Só pedíamos vida, movimento, lucro para a nossa terra. Lembrai-vos, amigos leitores?

Quando o Sr. P. e Américo de Agular, a quem rendemos a nossa homenagem, aqui veio e, certamente, pelo tempo que fazia, duro e inclemente, nós censuramos no seu jornal, nós desagrávamos em «A Voz» a nossa terra, à nossa vila.

Meu caro Doutor, qual das nossas campanhas lhe não interessa?

Sabem-no os meus colegas, sabe-o a gente da nossa Terra:—com V. Ex.ª estívimos nas lindas Campanhas do Hospital e em outras.

Com a gente de Rouças, de Fiais, S. Paio, esteve ainda há pouco, nas grandes e formosíssimas Campanhas do Milho.

O jornal ventillou a ideia. Deu alvites! Animou!

E continuaremos no mesmo trabalho.

— Não lhe interessam as campanhas do sr. dr. Varela Seixas sobre o caminho de ferro na nossa terra?

— Não lhe interessa o trabalho tão perfeito, tão regionalista, que o Sr. Bernardo Pintor, assinatura que usa na imprensa um illustre Melgacense Sr. P.º Manuel António Bernardo,

sobre «Conheçamos a nossa Terra»?

— Mas que campanhas? — Contra os homens, não as queremos.

Se alguma vez louvamos e depois nos calamos é porque os actos mereceram louvores e depois censura.

Não fomos nós que mudamos.

.....

Não, meu caro doutor, o nosso jornal rende homenagem ás suas qualidades; presta homenagem ao seu trabalho.

Mas não diga que não lhe interessam as nossas campanhas.

Amigo, também aqui somos poucos. Para que ofender-nos uns aos outros?

A Câmara de Braga pede aos jornais da terra, aos jornais todos, repare, que façam os seus alvites, as sugestões, que precisa delas.

De quem é «A Voz de Melgaço»?

Estranhámos, Sr. Dr., que na sua nota officiosa se chamasse ao jornal a Voz dos Vaz.

V. Ex.ª fez mais: sublinhou as palavras.

Agradecemos a homenagem.

Mas, Sr. Dr., V. Ex.ª é católico. (Dizemo-lo com sinceridade!)

V. Ex.ª é católico, ferrosos, e convicto!

V. Ex.ª impressiona vivamente a todos, pelas convicções religiosas na igreja, nas reuniões da L.E.C. em toda a parte.

V. Ex.ª, como leigo, serve a causa de Deus, como nós, sendo sacerdotes, e nunca esquecemos a ajuda extraordinária que sempre nos deu em tantas ocasiões, em que o prestigio da Igreja em Melgaço o exigiu. (Não precisamos lembrar sessões da A.C., conferências teatraes, e ainda, mesmo agora em que *abastemente* (tempestade num copo de água!) estamos longe uns dos outros, V. Ex.ª no meio daqueles que não são católicos fica o mesmo e fica o que é: o mesmo católico convicto.

Não, doutor, os nossos inimigos não se hão-de rir da falta de prestigio da Causa da Igreja em Melgaço.

Pois bem, meu Amigo. Embora fosse para nós honra bastante chamarse «A Voz de Melgaço» a Voz dos Vaz, infelizmente não é verdade.

A propriedade do jornal, V. Ex.ª sabe-o, é da Empresa Diário do Minho, L.da o que lhe dá altíssimas responsabilidades de jornal Católico.

Ai de mim! Não terei sabido dar-lhe em cada momento aquele esplendoroso sinal de presença Católica, creador, animador militante. Mas nunca a Hierarquia me repreendeu.

Mas, se a propriedade do jornal não é nossa, ele é feito todavia sob a direcção e a colaboração de melgacenses, muitos deles com diploma de Curso Superior e sob as vistas de Melgacenses.

Não queremos dizer que o nosso prezado colega «Noticias de Melgaço» tenha como Director, aliás digno, o meu amigo sr. Professor Ribeiro da Silva, a quem rendo as homenagens do meu respeito. Mas não é de Melgaço.

Não poderei também dizer que o sr. proprietário e administrador, aliás honrado artista, o sr. Adriano, pai dum futuro sacerdote, para mim mais querido, porque religioso, seja mais culto, mais categorizado e mais amigo da sua terra.

Mesmo aqueles bocados de prosa do «Noticias de Melgaço, de 8[1]1950 (Falamos os mortos!) em que se procura atrair com pedras, escondendo a mão (processos de covardia moral) sim, esses bocados de prosa, em que se revela nítido, claro e verdadeiro, o espirito maçónico e liberal, não sei, meu caro Dr., se ficarão bem ao lado da sua... Repare: espirito. E V. Ex.ª que é filiado da Acção Católica no concelho e fora, não será atacado ali mesmo, quando se diz «rezem... por almas desses Moços»?

E, de passagem, que infelicidade a desse número do Noticias, em que se coloca, ali mesmo, entre os mortos (FALAMOS OS MORTOS) o sr. Dr. Rocha, queremos dizer, a sua prosa, numa horrorosa mistura de filhas de Maria, irmãos de Misericórdia, Provedor, bolas, bulas, abade de Salamonde, etc. etc.

V. Ex.ª, além do mais estará bem ali?— Não está certo! Nós compreendimos que o Presidente da U.N. da nossa Terra, procurando unir a todos, pelo menos, a ninguém molestaria.

A V. Ex.ª como católico, como crente, nós os sacerdotes e os fiéis temos direito de estranhar a sua presença num jornal que atacou o clero por várias

vezes. Para mais V. Ex.ª é Presidente da U. Nacional. É preciso cuidado com atitudes que se tomam!

A Direcção

O Senhor Doutor, referindo-se aos Directores de «A Voz de Melgaço» afirma:— e por isso a sua direcção não mereça qualquer gentileza ao povo desta Terra» etc.

Nós entendíamos que sim, por ele temos trabalhado, sempre trabalhamos.

O P.e Júlio nos artigos do jornal «A Voz de Melgaço» ou de outros jornais diários do país, em revistas de categoria como Lumen, onde escrevem Prelados e escritores do clero secular e de ordens religiosas, nos púlpitos das cidades de Lisboa e Porto tem prestigiado sempre o nome da nossa terra.

Trabalhou precisamente no Ministério da Educação Nacional, como Sub-Delegado Regional da Mocidade Portuguesa em Braga, pelo que foi louvado. É actualmente um dos primeiros responsáveis pelo movimento da Juventude na Arquidiocese e na Província e trabalha, desde há anos, no Subsecretariado das Corporações, como Director da F.N.A.T. em Braga.

Devemos acrescentar que nada recebe.

É sua glória ter dado a mão a muitos pobres! Vivendo hoje em lugares de destaque ou em empregos um pouco mais modestos, deu alegria e pão a muitos lares. E esse o seu pecado!

A nossa gratidão

Devemos ser gratos ao Sr. Dr. Pimenta, pelos serviços prestados ao Congresso Eucarístico, diz V. Ex.ª.

— É verdade.

Já o frisamos publicamente. Já o fizemos também particularmente. Devemos-lhe bastante.

O sr. Dr. Pimenta sabe que por isso e mais coisas, lhe somos gratos.

Temos em nosso poder uma carta do sr. dr. Pimenta, que nos expressa clara e nitidamente a nossa gratidão para com S. Ex.ª e de S. Ex.ª para conosco dizendo-nos até que muito devia à nossa pessoa.

Certo dia, lembrete, P.e Marques?, numa hora muito triste da sua vida de políticos o sr. Dr. Pi-

menta procurou-me em Cubalhão, onde estava a pregar.

O sr. Dr. Júlio acompanhava-o. Nessa altura V. Ex. nada era em politica concelhia. Não sei se ainda President: da Junta.

Tive de dar depois e por várias vezes passos difíceis e bem longe. (Lembra-se, sr. P.e Manuel Rodrigues?)

Se nessa altura os não desse, nem V. Ex.ª seria com certeza o que é, Presidente da União Nacional em Melgaço, nem o sr. Dr. Fimenta, com certeza também, o que foi e é depois disso.

Há alguns nacionalistas, tão puros como nós em Melgaço, que o poderiam afirmar.

Terminando

Creemos ter respondido a toda a nota officiosa do meu querido Doutor.

Afinal de contas, pouco era preciso: a questão inicial nos jornais da terra era sobre a floresta e sobre o milho.

Parece que era sobre a floresta que o meu Amigo devia responder. E sobre elas, nada diz.

Meu caro Doutor

Façamos votos para que esta verdadeira tempestade num copo de água, seja aquilo que deve ser:—nada.

V. Ex.ª é Presidente da U. N.

V. Ex.ª tem servido a nossa terra o melhor que pode, sacrificando-lhe a sua saúde, as suas comodidades e o seu descanso.

É político! É católico! Temos que o louvar!

Está a servir a nossa Pátria, a nossa Terra.

O jornal continua no mesmo caminho.

Não podemos ser políticos! Hoje, como ontem, como amanhã, como sempre.

Queremos servir o nosso povo e a nossa Terra. Por ela temos feito tudo. Porque não havemos de viver unidos? Nós não queremos divisões!

Não respondemos ao que nos diz pelo Sr. Dr. Pimenta. Repetimos: não queremos divisões, nem sequer provocá-las.

Se o Sr. Dr. Pimenta, por ele próprio, entender pedir-nos satisfações então com respeito, lealmente, lhes daremos:

(Continua na 4.ª página)

A VILA DE MELGAÇO

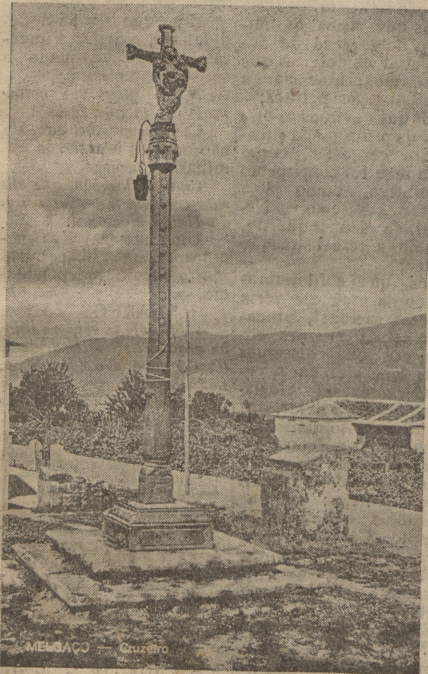
Quem alguma vez teve a ventura, na sua peregrinação pelo Alto-Minho, de percorrer a estrada lindíssima que vai de Monção a São Gregório, pode orgulhar-se de ter viajado num dos mais pitorescos rincões da nossa terra!

O rio Minho, que desde o mar vem estreitando, passa a Monção entre as muralhas e as terras galegas, e, sempre ao lado da estrada, não a larga até Melgaço.

O canteiro minhoto, banhado pelo sol e pelas águas cristalinas do rio, desdobra-se em beleza, mostrando-nos uma série de panoramas onde os contrastes se sucedem de forma impressionante!

A estrada, torcendo-se por entre tapetes de verdura, trepa colinas viçosas, olha montanhas altíssimas, disfruta horizontes empolgantes cheios de frescura e suavidade de rudeza e bucolismo, de luz e encantamento!

Os cenários sucedem-se, meigos e perfumados, rudes e imponentes, parecendo nos que mãos estranhas os colocaram assim, para mais realçar a beleza indescritível da província abençoada, onde a Natureza, prodigamente, fez cair interminável chuva de bênçãos!



CRUZEIRO DE S. JULIÃO

Tudo parece sorrir, tudo parece cantar, vale ou montanha, rio ou campina, prado ou floresta, e o silêncio é tal, que se não fora o murmúro doce das águas e o gorgoejo delicado das aves, julgaríamos atravessar um recanto edênico, milagre de luz e policromia, de belezas felicitosas e provocantes!

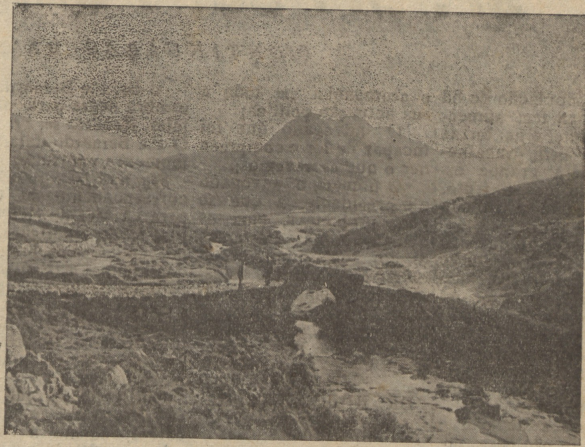
Os verdes, cada vez mais verdes, escondem as frestas de Penso e Alvarado e, mais adiante, por entre fiadas de vivendas alegres, a estância termal do Pezo conta-nos as virtudes das suas águas milagrosas.

Trepamos agora a áspera subida do Prado, e distraídos com a paisagem de maravilha, damos com os olhos nas muralhas altivas da antiquíssima vila de Melgaço.

Entrámos no templo românico da Matriz e subimos à torre de menagem que, com as ameias doiradas a recortarem-se no azul do céu, é bem o sacrário da alma portuguesa, que, durante séculos, em horas heróicas e decisivas, não deixou de vibrar intensamente!

Estamos no antigo «Castelo do Minho», onde as pedras falam para nos contarem páginas memoráveis, no lugar santo erguido pela alma enérgica dum cruzado de Longosvales, documento militar que representa um pergamino valioso dum passado nobilíssimo.

Diante do vale profundo, onde o Minho desliza sor-



PAISAGEM DE LAMAS DE MOURO - MELGAÇO

ridente, contando nos a toda a hora a sinfonia maravilhosa de paz e de luz; diante do canteiro perfumado, que o sol de Portugal ilumina ricamente, em apoteose fulgurante; diante das alturas penhascosas ocupadas por povoações primitivas, onde a solidão e a humildade caminham de braço dado, nossos olhos de portugueses, guiados por poder divino, levam-nos a olhar terras vizinhas, donde nem sempre sopraram bons ventos...

Então vem-nos à ideia as ruínas na antiga fortaleza romana, reconstruída pelo Rei Conquistador; os privilégios concedidos ao velho burgo, como reconhecimento de feitos patrióticos; as muralhas erguidas nos primeiros séculos da monarquia; e a torre de menagem, sempre moça, olha serenamente as encostas galegas, parecendo esquecida das horas trágicas doutros tempos!

O vento sopra.

Os leões de Castela, com ambição desmedida, não nos largavam a porta. Horas de dor oprimiam os peitos laís dos portugueses. Mas o sol, mal amanehia, iluminava as ameias doiradas, e com ele vibravam os corações, que outro desejo não tinham, outra ambição não possuíam do que continuarem a ser portugueses, só portugueses!

Como nas eras distantes da conquista, o sol, naquela de tarde Junho, aquecia as pedras evocadoras da torre de menagem do castelo de Melgaço, que, sem sabermos porquê, disseram-

nos feitos guerreiros, concertaram-nos horas gloriosas e segredaram-nos páginas memoráveis, como essa em que a «Inez Negra», depois de luta encarniçada, arrou por suas mãos o pendão das quinas no mesmo mastro onde horas antes tremulava a bandeira de Castela!

De cabelos ao vento, aclamada pela multidão,

empunha o pendão castelhano e movida por entusiasmo patriótico, solta o o grito que ainda hoje ressoa pelo vale ridente do Minho:

«Mas vencêmos-te! Tornaste ao nosso poder. E's do Rei de Portugal!»

António Montes

(CONTINUA)

Noticiário

PRÓLOGO — Ora viva! leitor amigo! — Então como decorreram esses negabófes de Natal e Ano Novo? Calou-se a língua na gotinha? Correu tudo bem, não é verdade? — Pois é isso o que muito se estima.

Por cá, graças a Deus, as coisas também se passaram escapatoriamente. Não faltou o tradicional «mel-amigo», azeite para o mesmo, açúcar, mel a 40\$00 o litro, que não a 35\$, igual medida, como por lapso trocámos em a nossa última «cayaqueiras», fartaçinha de «cetes», que nem no tempo do Senhor rei D. Miguel, etc., etc. Em suma: de tudo que houve não faltou mesmo nada. Não faltou nada... bem entendido, em casa daqueles que estavam devidamente habilitados com o competente dinheirinho para adquirir os ingredientes supra-mencionados.

O TEMPO E A AGRICULTURA — O ano que findou despediu-se com muita chuva, frio e ventavais. Só nos não deu neve; mas também desta não temos saudades.

O ano de 1950 — Ano Santo! — entrou com tempo seco e bastante frio; bom para a Estação em que estamos.

Continuam as podadas, havendo já quem late.

MISSA DO GALO — Pelo zeloso pároco desta vila, rev. sr. P.º Justino Domingues, foi celebrada na Igreja Matriz na noite de 24 para 25 do mês findo, a tradicional «Missa do

Galo». O templo esteve repleto de fideis, tanto desta vila como das freguesias circunvizinhas e não houve a mais pequena nota discordante.

CARTAS DE RACIONAMENTO — Já foram distribuídas as cartas de racionamento para o primeiro semestre do ano corrente.

Caso banal que nem merece ser aqui registado se não fora o facto de as mesmas, desta vez, custarem 1\$00 cada.

Não vamos dizer que 1\$00 por cada carta seja muito. Não. Mas seja-nos, porém, permitido observar que não achamos bem que um consumidor rural, que só tem dinheiro a 300 gramas de açúcar, pague tanto pela sua carta como um consumidor urbano que tem dinheiro a 800 gramas do mesmo artigo.

Objectar-nos-ão que para fazer umas e outras se dispendeu o mesmo trabalho e material. Sem dúvida...

Prática e teoricamente é, de facto assim; mas moralmente não está bem.

SAUDAÇÃO — No fim far deste ano de 1950 — Ano Santo! — saudamos efusivamente os digníssimos dirigentes deste conceituado «Diário», bem como todo o pessoal que nele labora, e fazemos ardentes votos ao Céu para que o novo ano que acaba de entrar lhe traga a tão ambicionada «Luz notyfes».

Respondemos ao Presidente do Nosso Município, e também, ao Sr. Dr. Júlio Outeiro Esteves

(CONTINUAÇÃO DA 5.ª PAGINA)

— A população de há anos para cá tem aumentado bastante, e as terras depois de bem trabalhadas, devido à grande estígio, não deram fruto. O povo queixa-se dizendo não ha que comer.

Lavradores ha que não tem pão s. não até janeiro próximo, e outros já estão a fazer dividas para o comprar. Este povo ao presente é todo pobre.

Quando alguém encontra alguma das autoridades logo diz: não temos pão nem trabalho.

Precisamos de pão e trabalho, de pão para poder trabalhar e de trabalho para comprar pão.

Veja lá se arranja com que o governo nos dê por aqui algum trabalho como seria o empedramento da estrada de Castro Laboreiro e a abertura da estrada de Pomares para Couso (uns 5 kilometros) há tanto tempo pedida e prometida.

Lembre ao governo que tem feito tanto bem, se não esqueça de nós, de nós que fomos votar em massa pelo Senhor Marechal Carmona afim de ele continuar na Presidencia da Republica, de nós que todos fomos votar pelos deputados nacionalistas afim de estes de interessarem pela lavoura e pelo povo. Sim, que se lembrem de nós assim como nós nos lembramos deles.

Eis o que pede este povo honesto, bom e laborioso para continuar a viver.

Qual a attitude do Sr. Presidente da Câmara, depois destas palavras?

Para documento histórico da vida presidencia lista do sr. Dr. Carlos Luís da Rocha, a quem não ousou chamar Sr. Rocha pelo que a vocábulo pode trazer de suspeito em significado e política, e para lhe não copiar o exemplo com que me tratou, registemos a sua resposta: "E para terminar quero dizer-lhe que confirmo plenamente tudo quanto disse na nota officiosa de 23 de Novembro".

Tudo quante escreveu nesta N. O. foi infeliz e, nos esclarecimentos de agora, o notário confirma o advogado e o presidente.

O Sr. Dr. Carlos Rocha que censura o padre, ele que não é católico:

O politico que faz profissão de fé ao E. N. e não

acompanha em toda a sua actuação política;

O advogado que foi incapaz de ler e compreender o que escrevemos;

O homem, o advogado e o presidente, a que se põe problemas, para os quais se exige — e temos direito como municipes a exigir que os factos se esclareçam, pois não estamos em ditadura — uma explicação e não a sabe dar ou não a quer dar.

DR. JULIO OUTEIRO ESTEVES

O Sr. Dr. Júlio escreveu, com gracinhas forçadas, umas colunas, para dizer ao concelho porque saiu do jornal.

E não diz. Vamos prová-lo, sem esforço.

A razão de saúde que apresentamos, foi nos dita em sua casa entre magoado e doente. Julgamos que seria verdadeira. E folgamos por saber que as palavras não expressavam a verdade e, portanto, que o Sr. Dr. Júlio gozava de saúde. Deus lha conserve.

Já que a razão não era essa, mas as que apresenta no seu arazoado, desculpe — a velha amizade obriga-me a pedir desculpa — que as minhas palavras o collocam ferido de gravidade. A verdade antes de tudo.

E do que o Senhor Doutor escreveu, e eu sei, posso então redigir:

«A razão formal única porque deixou «A Voz de Melgaço» é porque não tivemos os fretes que o Sr. Dr. Júlio desejava e a quem desejava.

Vou seguir a sua «Nota Officiosa».

Primeiro frete pedido (trazemo-lo ao jornal, porque o entendemos necessário, parafraseando o Sr. Dr. Júlio): quanto aos artigos «Coadjuvemos a nossa Câmara Municipal ou que ela nos coadjuve a nós», da autoria de Manuel António — a primeira parte do nome do Sr. P. e Manuel António Bernardo (Pintor) — critica justa, como eu o disse — o sr. dr. Julio não gostou dele. Fez-me sentir em sua casa. Mostrei-lhe que a verdade se dizia — o jornal não era para outra coisa — e não cedi. Não fiz o frete. Verdade e justiça acima das pessoas e dos cargos é norma segura.

O Sr. P. e Bernardo era sombra negra para o Dr. Júlio. Recordase, Sr. Dr.? O P. e Bernardo falará no momento oportuno.

Segundo frete pedido: o correspondente da Gave para «A Voz de Melgaço», José Maria Rodrigues, que no Seminário de Braga foi dos alunos mais distintos de todos os tempos, enviou a correspondência a que alude o Sr. Dr. Júlio e interveem o Sr. Dr. Pimenta e o Agricultor da Serra da Peneda.

Quis o Sr. Dr. Júlio que eu desdissesse o que o correspondente havia escrito. Respondi-lhe: Sr. Doutor, respeito os meus colaboradores e só rectifico se o correspondente o fizer pessoalmente.

Escrevi ao José Maria Rodrigues, dizendo-lhe o que se passava. E este rapaz, de boa cepa e educado no Seminário, reforçou as acusações, que o Sr. Dr. Júlio leu na minha presença. Recordase?

Ficou perplexo. Não podia ser agradável ao Sr. Dr. Pimenta.

Disse-lhe, então, que o Agricultor escrevesse a rectificação e eu publicava com ela a exposição dos factos da autoria do correspondente.

O Sr. Dr. não quis, não quis o Sr. Dr. Pimenta, não quis o Agricultor, pois não actuaram mais.

Eu respeitava os direitos do meu colaborador, porque não faço favores à custa do direito dos demais.

Não fazia o frete ao Sr. Dr. Júlio, mais uma vez.

Também o Sr. José Maria Rodrigues, na ocasião oportuna, dirá a V. Ex. eia o que for necessário.

Depois Sr. Doutor Júlio, a sombra negra do Sr. P. e Bernardo! Aquellas cartas, em que eu pus à disposição do meu colega e conterrâneo, o jornal, para se defender das «piadas» camufladas do jornal da direcção do Sr. Dr. Pimenta, fizeram-no estremecer.

As cartas são dignas e estão ao seu dispor para se publicarem.

Não fiz mais um frete, não me deixava embrulhar no interessezinho politico...

Sou padre.

Porque não fiz fretes, V. Ex. eia deixou «A Voz de Melgaço».

Fala V. Ex. eia e o Sr. Dr. Rocha no artigo «Por quem votamos nós».

Os meus ilustres adversários desencontraram-se no ataque. O Sr. Dr. Rocha diz que ataquei impiedosamente a actual situação politica; o Sr. Dr. Júlio escreve que procurei atacar.

Nós, que seguimos o pensamento de Salazar, numa critica justa, séria e objectiva atacamos a actual situação politica;

nós que vimos os Ministros do governo de Salazar citar os defeitos que nós citamos, atacamos a actual situação politica; nós que ouvimos os oradores da propaganda situacionista vergastar, como nós, o mau funcionamento corporativo, como já o registara a Assembleia Nacional, no seu inquérito, atacamos a actual situação politica;

Nós que enfileiramos ao lado da grande e séria imprensa nacional, atacamos a actual situação politica; nós que dissemos que tinhamos de dar o voto a Carmona, que elogiámos a obra de Salazar, que pedimos o voto consciencie criticando para construir e não ocultando para enganar, atacamos a actual situação politica; nós que seguimos a orientação de Marcello Caetano, presidente, ao tempo, da Comissão Executiva da U.N., atacamos a actual situação politica.

E V. Ex. eias que fizeram?

Srs. Doutores, nós nunca nos atraçoaamos. O Sr. Dr. Júlio e eu escrevemos no primeiro número de «A Voz de Melgaço»: «Cuidamos de terra e não da politica; interessam-nos, sobremaneira, as coisas de Melgaço e não tanto as pessoas; aao vamos guerrear, vamos construir».

Alguém se atraçoaou a si mesmo...

JULIO VAZ

P. S. — Sua Ex. eia o Sr. Dr. Carlos Luís da Rocha diz que agora se refugia no «silêncio».

Em «Noticias de Melgaço» quando o seguiam para o sepulcro, Camilo, um irmão da Misericórdia, dois Guardioes do Convento de

Pedreira, e João de Barros, fizeram a chamada dos mortos:

Dr. Carlos Luís da Rocha? Presente

E correu-se a lage do sepulcro, sem epitáfio.

J. V.

A nossa posição

(Continuação da 6.ª página)

E porque não há-de pedir-las ele, o Sr. Dr. Pimenta, sendo advogado e se tiver interesse?

Não o queremos voltar mais a esta questão.

Cremos mesmo que ela não convem à união da Família Melgacense.

Cremos também que ela não convem a os interesses da União Nacional.

Uma certeza, viva, penetrante, nos fica: custa muito caro a independência.

P.º CARLOS VAZ
P. S. — Não respondemos ás gracinhas do Presidente da Câmara. Não lhe ficam nada bem.

Sobretudo, quanto se occupam cargos de alta responsabilidade, como o de S. Ex. eia.

Noticiário

— A fim de passar as festas de Natal e Ano Novo com seu filho, sr. Ariando Cândido Pinto, partiu para o Porto a sr.ª D. Rufina Pinto, de Galvão.

ROUBO — Na noite de 3 para 4 da corrente, audaciosos garturos assaltaram o estabelecimento comercial do sr. Manuel Nunes de Castro, sijo no Largo Hermenegildo Solheiro, desta vila, donde furtaram 200 quilos de café no valor de 6.000\$00.

Para levarem a efeito a sua proeza, os meliantes penetraram pela padaria do sr. Belmiro Nabuco, e, uma vez aí, serviram-se de um trado com o qual praticaram uma abertura no soalho do estabelecimento por onde saçaram a mercadoria.

Para averiguações, foi preso Artur Alves, do Espinho, pessoa cujo modo de vida é bastante duvidoso e sobre o qual recaem todas as suspeitas. Do que fomos apurando sobre o caso lamentaremos os nossos leitores.

FUTEBOL — Na campo de jogos do Monte de Prado, realizou-se hoje um desafio amigável entre o «Sporting Club de Melgaço» e o seu homónimo de Coura, tendo vencido o grupo local por 2-1.

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.º JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$000
ANO IV

MELGAÇO, 1 de Janeiro de 1950

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 14

Ano Novo... A ROMARIA DA PENEDA

e mais outras...

IV

Com este número de «A Voz de Melgaço» iniciamos o ano de 1950, que Deus permita seja de ventura para o mundo e para a nossa terra, portanto.

Augurar a felicidade para todos é desejar a paz que no dizer do Livro Santo é obra da justiça: Justiça para com Deus e justiça para com os homens.

À frente deste jornal, desde que o lançamos em público, jamais nos esquecemos de fazer tudo para que a nossa terra e a nossa gente tivessem a felicidade que todos nós lhe poderíamos dar. Não há felicidade, sem verdade e justiça, não há felicidade sem sacrifício e amor, não há felicidade sem luta, não há felicidade, sem o mínimo indispensável do bem estar económico.

Oxalá o novo ano seja mais propício.

Nós, desta cátedra, não deixaremos de pugnar, sempre pelo bem estar da nossa gente, levantando para o primeiro plano o pobre, o desprotegido. Para o conseguir, travamos todas as lutas — e, para nós, as batalhas, as lutas, nem nos cansam nem nos desgostam.

Os meus superiores hierárquicos puseram-me, desde o início da minha carreira eclesiástica, à frente de organizações da juventude. Num livro que dediquei a dois grandes amigos escrevi: «Nunca me canso de dizer aos rapazes com quem trabalho que a sua idade não é para covardia, nem para hesitações, nem para dúvidas, nem para cálculos individualistas.

Peço-lhes, sempre, que amem a verdade, que a vivam intensamente e que a não desfigurem.

Quando Sócrates foi julgado e num intervalo do seu julgamento — parecendo ser inevitável a condenação — alguém lhe perguntou se não se envergonhava de ter vivido uma vida tal que o fazia correr o risco de ser condenado à morte, Sócrates respondeu com toda a serenidade:

— «Não está certo, amigos, pretender que um homem que se estima CALCULE, antes de agir, as possibilidades de vida ou morte que os seus actos lhe podem acarretar. É nobre considerar unicamente se o que se faz é justo ou injusto e ainda se se procede como um homem de coração ou como um covarde.

Proceder de outra maneira é erro, é deshumano, é falta de carácter e, consequentemente, ausência do sentido das responsabilidades».

Inicia-se novo ano, que é o Ano Santo, de graça e de misericórdia divinas.

Amando a justiça e defendendo a verdade, vamos de frente para o novo Ano, desejando a todos os nossos leitores, assinantes e anunciantes as maiores felicidades.

JÚLIO VAZ

Efemérides

Em 1 de Janeiro de 1900, há cinquenta anos, na capelinha de Alcobaca Fiães, o rev. José Alves Conde resou missa-nova.

— No mesmo dia e ano, na Igreja Matriz de Castro Laboreiro, o rev. António Esteves resou também a sua missa-nova.

Em 2 de Janeiro de 1270, morreu D. João Pires, Prior-geral de Santa Cruz de Coimbra, e antigo Prior dos monges de Paderve. Foi este prior que mandou reedificar a actual Igreja daquela freguesia, como consta da inscrição existente.

(Continua na 3.ª página)

Deixei dito, ao terminar o artigo passado, que iríamos ver um pouco de história das romarias e sua legislação por parte da Igreja.

Pela imprensa e pela rádio temos tido conhecimento do Ano Santo que o n.º teve principio. Os olhares do mundo católico voltam-se para Roma. Milhares ou milhões de peregrinos visitarão Roma durante o Ano Santo.

Sabem os leitores porque o Ano Santo principiou no Natal e não em dia de ano novo, dia primeiro de Janeiro? É por uma razão muito simples.

Nós estamos usando a contagem dos anos pelo nascimento de Jesus Cristo, talvez com uma pequena diferença segundo opinião fundada de alguns historiadores. Se a contagem toma como ponto de partida o nascimento de Cristo e este se deu na noite de 24 para 25 de Dezembro, segue-se, em boa lógica, que o dia 25 de Dezembro é que é o dia de ano novo e não o dia primeiro de Janeiro. Assim foi em tempos antigos, mas não se ajustava a passagem de ano com a passagem de mes e por isso se fez coincidir uma e outra, fazendo-se a mudança de contagem dos anos no fim do mês.

Deixemos lá isso e vamos ao nosso assunto. Muitas pessoas vão a Roma nesta altura como sempre toram ao tratar-se de importantes comemorações religiosas. Daqui, talvez, veio o nome romaria para as peregrinações ou viagens a Roma, da junção de dois factores fonéticos Roma e ir, ir a Roma.

Nós sabemos da História que os nossos primeiros Reis e vários Fidalgos iam em peregrinação à Terra Santa e a Santuários importantes como por

exemplo, Sant'Iago de Compostela.

Se romaria, em rigor, designava uma peregrinação a Roma, esta palavra veio a tornar-se como sinónimo de peregrinação a qualquer Santuário importante.

Muitos Santuários receberam de Roma bulas de privilégios, entre os quais se conta o da Peneda.

Tanto a palavra romaria se aproxima, como sinónimo, de peregrinação que nós chamamos romaria às festas que metem gente de longe. Os que vinham de longe eram peregrinos, que significa, em rigor, atravessadores ou caminheiros dos campos, que vem a ser a mesma coisa que viajantes.

Nós aprendemos lá na doutrina que é uma obra de misericórdia da pousada a aos peregrinos (Em crianças dizlamos peligrins).

Haja em vista que nos tempos passados as viagens eram mais morosas pela falta ou atraso dos transportes.

As hospedarias também não abundavam como em nossos dias. Dar pousada aos peregrinos representava um acto humanitário, como o representa ainda em nossos dias já nas terras onde não haja hospedarias, já quando se trata de viajantes pobres que não podem custear a

despesa de uma hospedagem.

As romarias são, fundamentalmente, festas religiosas, embora no conceito de romaria venha logo associada a ideia dos divertimentos populares, pelo muito que elas se pagam.

A qualquer conjunto de divertimentos que não andem associados a uma festa religiosa não se dá o nome de romaria, portanto é a parte religiosa e não a profana que influe na de-

(Continua na 3.ª página)

Uma boa notícia

Vão principiar em breve os trabalhos para a construção da nova estrada, que partirá da Ponte de Charviães para as minas da Agulheira. Estes trabalhos são feitos a expensa do Sr. Ressano Garcia proprietário da Mina, e sob a direcção do nosso ilustre amigo sr. Enjeheiro Mário Leitão.

É escusado sublinhar o valor desta estrada que vai beneficiar não só os trabalhos daquela exploração, mas até a erigida freguesia de Fiães que tão longe se encontra da sede da vila e com tão maus caminhos.

Estes trabalhos, segundo nos informam vão ocupar centenas de operários pois as matérias primas aqui extractadas serão trabalhadas absolutamente n.º mesmo local e nas várias secções que ali se vão montar.

Também nos consta que se activam os preparativos para a construção da grande represa de Castro Laboreiro.

Fazemos votos por que em breve possamos ir de carro até às minas da Agulheira e logo nos venha a luz de Castro.

Cumprimentos de Boas-Festas

Enviaram-nos cumprimentos de Boas-Festas, o que muito sinceramente agradecemos, a Ford Lusitana e António Augusto Ribeiro.

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

O TEMPO E A AGRICULTURA

Amenizou a temperatura; mas fomos visitados por uma implacável vaga de frio que muito nos fez recordar com saudade aqueles dias tórridos do verão findo. Certamente foi presente do Natal que de Leste nos enviou o sr. José Andrenovich Staline, vulgo o tio «Zé dos Bizodes». — Também dali... só disto. Disto e... falsas doutrinas.

O estado das culturas continua excelente, havendo abundância de pastagem.

Também já se poda com afã.

NOVO PROFESSOR

Por portaria, foi nomeado para a escola oficial de Paços, o sr. António de Queiroz, que não temos a honra de conhecer e a quem desejamos as maiores felicidades no desempenho da sua nobilíssima missão.

MERCADO SEMANAL

Concorridíssimo o mercado semanal de 23 do corrente. Não admira ante-véspera de Natal...

Havia ali, segundo nos dizem, com relativa abundância: milho e centeio, respectivamente, a 84 e 90\$00 o alqueire de 30 litros; feijão branco, mistura e frade, respectivamente, a 25, 20 e 16\$00 a medida de 5 litros (as duas primeiras variedades já muito minadas do bicho); castanhas a 10\$00, igual medida; batatas a 2\$20 o quilo; cebolas a 2\$50 a resta (um quilo pouco mais ou menos); galos, galinhas e frangos a partir de 30, 25 e 15\$00, cada respectivamente; ovos a 16\$00 a dúzia, toucinho a 16 e 18 escudos o quilo; mel a 35 escudos o litro; nozes a 5 e 6\$00 o cento; bons molhos de hortaliça a 2\$50, aboboras a partir de 2\$50 cada. Em suma: preços insignificantes para quem vende; mas pesadíssimos para quem compra.

E' sempre assim.

FEIRA DO MEL EM PADERME

Esteve muito concorrida, segundo nos consta, a tradicional feira dos «lambões» realizada em 18 do corrente na vizinha freguesia de Paderne, tendo

se na mesma transaccionado muito mel.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

O «Diário do Governo» de 15 do corrente publicou o regulamento do serviço de abastecimento de água à vila de Melgaço.

FALECIMENTO

Nas Carvalhiças, suburbios desta vila, faleceu a sr.a Angelina Crespim. Sentimos.

NOVO JUIZ

Foi nomeado juiz de direito e colocado nesta comarca o sr. dr. Domingos da Costa Fernandes, a quem desejamos as maiores felicidades no desempenho do seu novo e espinhoso cargo.

FUTEBOL

No pretérito domingo dia 18, deslocou-se a Paredes do Coura, afim de enfrentar o grupo de futebol daquela vila o «Sporting Clube de Melgaço» tendo saído vencedor o primeiro por 3-1.

Podia ser pior... Os courenses retribuem a visita no próximo dia 1, e esperamos que os nossos rapazes saldem a dívida.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Acompanhado de sua esposa, embarcou para Luanda, o sr. Guilhermino da Silva Teixeira, probo comerciante que foi desta praça.

— Foi promovido a 2.º cabo da G.F. e colocado no posto da Peneda, o nosso amigo sr. João Manuel de Sousa Lima.

— Faz anos no próximo dia 16 a sr.a D. Maria Ivone Ferreira da Silva Pardal. Nossos parabéns.

— Cumprimentamos nesta vila o nosso estimado amigo e assinante sr. Henrique Fernandes Bermudes, zeloso guarda florestal em Arcos de Valdevez.

CONSELHOS ÚTEIS

Em Janeiro paga-se a 2.ª prestação (a 3.ª quando se requereu pagamento em 4 prestações) das contribuições predial e impostos sobre a aplicação de capitais; industriais dos

grupos A.B.C.; imposto profissional dos empregados por conta de outrem, profissões liberais e imposto complementar.

— Nas hortas e nos campos podem agora semear: cebolas, couves diversas, próprias da ocasião, centeio, ervilhas, favas, nabicas, etc. Se possui um estufim pode também semear tomates, pimentos e berneaugelas.

Nos locais aonde não sejam de recear as geadas já se podem semear umas batatinhas.

Ainda se podem plantar alhos, tendo sempre o cuidado de escolher os «dentes» exteriores porque depois sempre dão cabiças maiores.

— Continuam as podas de limpeza de fruteiras e das colmeias.

— No mingunte (de 11 a 18) cortam-se canos e vimes.

No mingunte de Janeiro corta o madeiro.

S. Pato, 20

Brevemente realizam o seu enlace matrimonial os sr.s. António Joaquim Fernandes, do Nogueiral, com a menina Maria de Lourdes Afonso, filha queida do sr. Vasco da Gama Afonso, do lugar de Cavaleiros, freguesia de Rouças; Francisco Marques, dos Lourenços, com Rosa Marques, dos Carvalhos; Maria Carpieteiro (da Carolina), dos Barreiros, com José Aguiar, da Valinha. A todos desejamos muitas felicidades.

— Retirou-se para Tomar o nosso conterrâneo Isaias Soares, da Granja.

— Aos rev.dos Directores, assinantes, colaboradores e benfeitores desejamos que tenham Boas Festas e um Ano Novo repleto de venturas. — C.

Rouças, 25

Faleceu hoje no lugar do Loviô o sr. Joaquim Esteves, muito estimado nesta freguesia pelas suas qualidades.

— Chegaram a esta freguesia vindos de França os nossos amigos Anibal

Meleiro e Justino Lourenço, aquele de Loviô, este de Verdade.

— Os rapazes da J. A. C. ofereceram um bode nos pobres, no valor de 213\$00 que pediram pelos lugares. Foram contemplados 20. Parabens aos rapazes.

— No dia 2, partem para um retiro em Valença, 3 rapazes da Juventude.

— Chegaram os nossos seminaristas, que vem em gozo de férias.

— Continua a sementeira dos centeios.

— Foram hoje baptizados na nossa igreja o menino José Luis, filho do caseiro de Eiró, António Augusto, e Anézia Gomes e Maria Fernanda, filha de Mário Augusto Valeixo e de Maria E. da Silva Lopes. Parabéns.

— Consta-nos que tem havido por aí uns roubos de moinhos. Mas nós ainda estamos em Novembro. — C.

Castro Laboreiro, 20

Quando procediam ao carregamento de um tiro numa pedra, nas obras de abastecimento de água à vila, este explodiu atingindo a sua carga os trabalhadores Adriano de Oliveira, de Sistelo, Arcos de Valdevez e Gilberto Meixeiro de Paderne, deste concelho. O Adriano que sofreu alguns ferimentos de certa gravidade teve de ficar internado no hospital deste concelho e o Gilberto depois de pensado no referido hospital, regressou a casa, em virtude dos ferimentos sofridos, ser em de menor gravidade.

— Partiram para França os nossos amigos Francisco Alves e Américo Rodrigues respectivamente de Varzea Travessa e Rodeiro.

— Regressaram deste país de visita às suas famílias afim de passarem as festas do Natal junto dos seus, muitos amigos e entre eles contamos os nossos amigos António Domingos, Domingos Domingues e Manuel Esteves (Maceira) de Varzea Travessa e os irmãos António Alves e Oliveiros Alves de Portelinha.

— Encontra-se também entre nós o nosso particular amigo Adelino Rodrigues dig.º escritorário na Alfândega do Porto.

— Já se encontra ao serviço de feirantes com praça nesta freguesia uma camionete dos nossos amigos José Albano Fernandes e seu cunhado Francisco, tendo tido desde começo muito trabalho, do que eles não desgostam, tendo apenas a lastimado o estado deplorável em que vai ficando a estrada que liga esta freguesia com o concelho. Os empreiteiros não aparecem a dar os ultimos retoques e os homens que estes tinham deixado na conservação, foram-se embora, alegando que lhes não pagavam, e está claro, se graça e a seco... não pode ser.

— Faleceu a menina Maria Fernandes, filha de Delfim Fernandes e Izaura Alves, de Portelinha. A família enlutada os nossos pésames.

E para terminarmos desejamos muito Boas Festas e um ano Novo muito feliz e cheio de prosperidades. — C.

Prado, 24

Está gravemente doente o nosso amigo Manuel Mendes, o qual certamente já tinha morrido à mingua se não fora o altruísmo da sr.a D. Maria Albertina da Silva e das meninas Armada e Adelaida Gomes de Sousa pessoas dos mais distintos dotes de coração, que por várias vezes tem percorrido esta freguesia afim de angariarem donativos para amenizar a situação daquelle pobre infeliz ao que diga se desde já — graças à bondade e caridade deste bom povo, tem si d o sempre bem sucedidas.

Ações como estas não podem deixar de ficar registadas, não porque as senhoras acima apontadas gostem de elogios públicos e até não sabemos se com isto as magoamos na sua reconhecida modestia; sim, para exemplo de muitos corações empedernidos que infelizmente povoam o orbe terráqueo.

Bem hajam, pois todos os que assim procedem.

— Também tem pa-

(Continua na 3.ª página)

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercarias, Vinhos finos e Espumoso

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

— Encarrega-se de instalações eléctricas —
— A máxima seriedade nas suas transações.

Prado, 24

(Continuado da 2.ª página)

do algo adoentado o nosso tio sr. António Soares. Desejamos-lhe prontas melhoras.

— Fez-nos uma visita «relâmpago» o nosso estimado amigo e parente sr. Manuel Faustino, tripulante da marinha mercante nacional.

— Está para muito breve o casamento do nosso particular amigo sr. Manuel Gonçalves Pereira, distinto industrial de alfaiaria. Desejamos que seja muito feliz.—C.

Couso, 25

Como esta vai ser lida nos primeiros dias do ano

novo, o humilde correspondente daqui deseja ao muito digno director e a todos os que trabalham e lerem a Voz de Melgaço, as maiores felicidades.

— E como está a terminar o ano de 1949, é bom que se saiba o que aqui se fez. Sim. Esta freguesia realizou todas as suas festividades. E tantas da Igreja como nas das capelas correu tudo na melhor ordem e paz.

Com todos os actos do culto, sempre concorridos, como foram os meses de Maria, de Jesus, do Rosario e das Almas, e as Novenas do Espírito Santo da Imaculada Conceição e do Menino Deus houve sempre muita piedade e devoção da parte dos fieis que durante o ano

tambem fizeram alguns milhares de comunhões.

Tambem houve as reuniões mensais dos organismos da Acção Católica do Apostolado da Oração e da Ordem Terceira de S. Francisco, assim como no último domingo de cada mês se fez a hora da Adoração ao Santissimo Sacramento.

A catequese não foi descurada.

As crianças que frequentam regularmente, tiveram na sua Igreja lições de catecismo quase todos os domingos e dias Santos.

— Em Janeiro de 1949 foi adquirido um rico pálio e em Novembro do mesmo ano foram adquiridas duas lindas bandeiras, uma dedicada à N. S.ª de Fátima e outra à Sagrada Família.

— Baptismos foram registados neste ano 15; casamentos 7 e óbitos 7.

— A população de há anos para cá tem aumentado bastante, e as terras depois de bem trabalhadas, devido à grande estímulos, não deram fruto. O povo queixa-se, dizendo não ha que comer.

Lavradores ha que não tem pão senão até janeiro próximo, e outros já estão a fazer dividas para o comprar. Este povo ao presente é todo pobre.

Quando alguém encontra alguma das autoridades logo diz: não temos pão nem trabalho.

Precisamos de pão e trabalho, de pão para poder trabalhar e de trabalho para comprar pão.

Veja lá se arranja com que o governo nos dê por aqui algum trabalho, como seria o empedramento da estrada de Castro Laboreiro e a abertura da estradainha de Pomares para Couso (uns 5 kilometros)

Romaria da Peneda

Continuação da 1.ª página

signação ou classificação de romaria atribuída a uma festa.

Poderá alguém perguntar: e porque assim se paganzaram ou profanaram as romarias?

Para responder precisamos de fazer várias considerações.

A Igreja não é contrária aos divertimentos quando eles não sejam imorais ou perigosos. Antes, até, a Igreja aprova os divertimentos e distrações que concorram para uma sã educação e desenvolvimento físico e mental. Mens

há tanto tempo pedida e prometida.

Lembro ao governo que tem feito tanto bem, se não esqueça de nós, de nós que fomos votar em massa pelo Senhor Marechal Carmona afim de ele continuar na Presidência da Republica, de nós que todos fomos votar pelos deputados nacionalistas afim de estes se interessarem pela lavoura e pelo povo. Sim, que se lembrem de nós assim como nós nos lembramos deles.

Eis o que pede este povo honesto, bom o laborioso para continuar a viver.

Também chegaram a esta freguesia, afim de passarem com suas familias, as festas do Natal e Ano Novo, alguns homens vindos da França e de Cascais. Que sejam bem-vindos e sempre felizes. — C.

sana in corpore sano, uma alma pura em um corpo robusto.

Se quizermos estudar a história da música vamos encontrar a Igreja e a sua gente. Se formos à história do teatro e outras, idem.

A música recebeu o nome das notas das iniciais de um hino a S. João Baptista.

No desenvolvimento do teatro não podemos esquecer os autos que em tempos passados se representavam nas festas religiosas. A vida do Santo festejado era posta em cena para os devotos ouromeiros melhor recordarem suas virtudes.

Eu queria dizer muitas coisas sobre o assunto, mas este vai-se tornando grande, e por isso continuaremos no próximo, com a apresentação de dados inéditos sobre a Peneda em especial.

Riba de Mouro 25 de Dezembro.

P. e BERNARDO

Na tipografia do Diário do Minho

executam-se

Cartazes a cores

Cartões de visita

Trabalhos comerciais

Livros e revistas

Et tudo o que diga respeito a tipografia

CONSULTE OS Nossos PREÇOS

Livros A PALAVRA DE DEUS

DE CIENCIAS E ARTES ROMANCES

sempre grande variedade LIVRARIA

DO

Diário do Minho

Propague e assine

a Voz de Melgaço

é palavra de vida eterna

«Depois que foram cumpridos os oito dias, para ser circuncidado o Menino, foi-lhe posto o nome de Jesus como tinha sido chamado pelo anjo, antes de ser concebido no ventre de sua mãe». (Luc. 2, 21).

Novo ano! Mais doze meses que se oferecem para o serviço do Senhor, o mais belo dos serviços dos homens.

E no dia de hoje contemplamos essas quadras formosíssimas, em que o Menino Jesus, a oito dias do seu nascimento, começa a derramar o seu sangue por nós. A Virgem Santíssima, condescendente da humildade ali está e ali soffre.

Está no seu lugan. Mas Jesus, o Divino Infante, deixa que o seu sangue comece a purificar a terra. Poz-se-lhe um nome. Foi o

Céu que o indicou e que bem lhe fica: Jesus. (Jesus quem dizer Salvador).

E ali está Ele já, no seu altar de sofrimento, de resgate. Dois mundos: o antigo, o da escravidão, o do temor, do dilúvio, das cidades de Pentápolis e o Novo, o Novo Mundo: — de perdão, de reconciliação, de misericórdia. E' Jesus que faz a separação.

O Mundo não dava por esse facto único, mas que maravilha: — as portas do Céu iam abrir-se definitivamente a aq's homens.

O Filho estava já no mundo para a fiel execução da Sua obra.

Amigo, meu leitor, só depois da vinda de Jesus é que o Pai nos abriu as portas do Céu.

Dois mundos. E' Jesus que os separa.

Aos oito dias completos, o Menino era circuncidado. Que pontualidade!

As mães de hoje esperam um mês, dois meses, cinco meses pelo baptismo de seus filhos. E' um grande pecado!

Mãe, cumpre o teu dever. E cumpre-o pontualmente. Como a tua Mãe Santíssima, cumpre-o dentro dos oito dias

NOTAS DA QUINZENA

Amigo, de pé! Podes dizer-me alguma coisa da tua vida?

— Ano novo! Villa nova!

Vamos correndo, mais um ano!, para esse acto final, frentendo e único, o julgamento. Mais um ano!

Não sejas mediocre! O crístão tem de parecer-se com Crísto: nos pensamentos, nas palavras, nas obras! — De pé. Repete!

A tua vida! A tua felicidade! Mas a tua vida, as tuas obras ficam bem à beira do Menino Jesus?

— Dia 6: — Epifania. A grande revelação! E' a estrela que apparece no firmamento e guia os homens para junto de Jesus.

Vadimus stellam. Vamos a estrela!

Nós, também nós a vemos. E' o Menino, a Quem todas as estrelas obedecem.

— Mas que luz a dessa estrela, desse Menino: é doce, é puro, é humilde, é obediente. E está ali, humilde e pobrezinho, para fazer a vontade de seu Eterno Pai. Compra-te...

— Dia 8: — Sagrada Família: S. José, N. Senhora, o Menino.

Que vida! Que amor! Pobres e que felicidade!

A vida dos nossos lares! — Que paz! Que harmonia! Que amor! — Estava ali Jesus!

Estava ali a tua Mãe, Nossa Senhora. Assim estejam eles no teu lar, caro amigo.

Efemérides

(Continuação da 1.ª página)

ente ao lado da porta principal da referida Igreja que resa assim.

Dedicatio Egidii Episcopi Ista Ecclesia In Tempore Ionnis Petri Prioris Era M. CCC. II.

Quer dizer: — Dedicção desta Igreja pelo Bispo Gil no tempo do Prior João Pires, na era de 1302. — Traia-se da era de Cesar que ao tempo se usava e que corresponde ao ano de 1264 da era de Cristo que hoje adoptamos.

Este Prior estava nas boas graças de D. Afonso III que em 1248 lhe fez grandes doações e lhe concedeu muitos privilégios por ter seguido o seu partido contra D. Sancho II.

Em 8 de Janeiro de 1897, morreu na freguesia de Souto, Arcos de Valdevez, o rev. Policarpo José de Araújo, abade daquela freguesia e natural de S. Gregório, Cristóval.

Em 12 de Janeiro de 1871, José Cândido Gomes de Abreu, foi nomeado 1.º substituto do Juiz de Direito da comarca de Melgaço.

Em 13 de Janeiro de 1071, a infanta D. Urraca, filha do rei Fernando, o Magno, doou a D. Jorge, Bispo de Tiv, metade do padroado da Igreja de S. Paio juntamente com o lugar de Prado.

Transcrevo dessa doação a parte que nos diz respeito, segundo a tradução de D. Prudêncio de Sandoval:

... Doy mas la mitad del monasterio de San Plao de Paderni, de la manera que esta en su circuito, con el lugar que se llama Prado como se divide por el rio Miño, con sus pesqueras y sus hombres y todo lo a el anexo...

MÁRIO

Vendem-se

Todos os bens em conjunto que Luciano Besteiro, possui no concelho de Melgaço, freguesia de Penso e S. Martinho.

Acelta propostas em carta ANTONIO CABANA, Golães, freguesia de Paderne, até ao próximo dia 20 de Janeiro de 1950.



LIII — A Senhora da Orada

ASSISTIRAM ALI MONGES DO MONESTIRO DE FIAES

Não pude na devida altura continuar a escrever da Senhora da Orada, por uão ter ainda então revisto todos os documentos do Livro das Datas que ao caso o respeitam.

O mesmo assunto dos artigos XLIX e L foi exposto em artigo publicado no Arquivo do Alto Minho, vol. III, fascículo II, pag. 82/87.

No documentário lá varias vezes citado, coligido no Livro das Datas, encontro mais as referências que passo a citar.

Em 1218 o abade de Fiaes Fr. Diogo Dias e seu convento fizeram uma troca com Fernando Martins. Deram uma horta de vinha no local chamado S. Facundo, na nascente da fonte, e receberam outra horta junto da igr. ja da Senhora da Orada, com tal condição que se a herdada da Orada fosse pertença deles ambas ficassem em seu poder (Fis.102).

Esta condição deve ter sido posta por causa do litigio entre o Mosteiro e a Vila de Melgaço, de que já falei, resolvido em 1220.

Em 1240 João Pires, o Bosco, e sua mulher Marinha Joanes doaram ao abade Martinho e convento de Santa Maria de Fiaes uma vinha junto da Igreja de Santa Maria da Orada, sob a Carreira, e um terreno sobre Marelhe (Fis.30). No mesmo ano foi feito prazo de uma horta na margem do regato que corre entre a Orada e os leprozos de Melgaço que vem a ser S. Geão ou S. Julião. (Fis. 97 no 98).

Ainda no mesmo ano, Pedro Fernandes, Negro, e sua mulher Major Silvestre fazem doação de du s hortas junto da Igreja de Santa Maria da Orada ao Mosteiro de Fiaes. (Fis. 31 v.o).

Em 1241, Pedro Pires de Melgaço, o Trado, e sua mulher venderam a Fr. Lopo Pires de Santa Maria da Orada uma letra na fonte sobre Pomarinho, (Fis. 29).

Temos aqui a primeira indicação de frades na Orada.

Em 1242, entre os assistentes de uma escritura é mencionado F. Joanes da Orada (F. Iohannis de herada. Fh. 56 v.o).

Em 1246, no final de uma escritura, encontramos entre os confirmantes um tal Pato monge da Orada Felagus monachus de erada—Fis 85 v.o)

Em 1247, em outra escritura encontram-se presentes o abade João Pires de Fiaes e Pato seu monge da Orada (Felagus monachus eius de herada Fis. 41).

Não encontrel entre os quatrocentos e tantos documentos do dito livro mais referência ao Santuário da Orada, além destas e das já citadas nos artigos anteriores: Sobre o dito Livro das Datas alguma coisa exporel em próximo artigo para o Arquivo do Alto Minho, onde os apaixonados destas coisas poderão ver a apreciação que faço a esse documentário sobremodo importante pa-

ra os estudos das antiguidades da nossa terra.

Antes de passar adiante, quero chamar a atenção do leitor para o nome antigo de Orada, que era *h'rada*, que me levou a crer que o nome derive de hera ou heradeira. Em abno há no mesmo livro um documento a fis. 18 e 18 v.o de venda de uma herdada em Rouças, cujos limites são *pela água do Mestre, à terra da igreja de Santa Martinho e até ao porto da pedra da herdada de Justo.*

Das referências feitas claramente se vê que a Senhora da Orada esteve na dependência de Fiaes desde os recuados tempos dos principios do século 12.º e all havia monges do mesmo mosteiro como explicitamente o indica o documento citado de 1247.

O P.e Carvalho da Costa, na *Geografia Portuguesa*, ao falar do conto de Fiaes, refere-se à Senhora da Orada: *que os Frades dizem foi Mosteiro de S. Bento, e fundado quando se edificou o de Fiaes, de que veio a ser Priorado*, mas julga mais certo que tenha sido de Cavaleiros Templários. Relaciona a Senhora da Orada com a doação de Cavaleiros feita a Fiaes pela condessa D. Frolina, a cuja escritura já me referi.

Fr. Agostinho de Santa Maria, no *Santuário Mariano* descreve a Senhora da Orada desde pag. 248 a 253 do tomo IV impresso em 1712. Embora não confirmem as suas afirmações com a escritura de D. Sancho feita em Santarém, não deixo de o chamar aqui para transcrever a sua affirmação de *que foi mal informado o Padre António de Carvalho da Costa em dizer que este templo da Senhora era da Condessa Frolina; a quinta de Cavaleiros podla ser sua e fazer da doação ao Convento de Fiaes no ano de 1166, mas a casa da Senhora da Orada não.*

No próximo artigo escreverei aliada da Senhora da Orada e corrigirei a cóia de alguns mais citações que sala erada nos artigos precedentes.

Bernardo Pinto

Loduvina

Martins

Dentista

Consultas em Monção, todas as Sextas e Sábado.

Do alto do Pernidelo

JUIZO DO ANO

Escreve-me um amigo que, entre outras coisas, me pergunta:—

«...Tu que és tido, assim, como quem diz, por um observador das *duasias*, espécie de sapateiro Bandarra, que me sabes dizer acerca do oroscópio para o ano de 1950? Trará ele benefícios para «nossa querida terra o magano?»

Porque não sou nada versado nas ciências de Copérnico, confesso que semelhante questão me deixou completamente embaçado.

Fiquel pois, assim, a maturar cá por dentro e a dar voltas á moleira a ver se lorigava a melhor forma de responder a queleuuestimavelamigo, quando de repente se me acendeu uma lampada de mil velas no toucão. Fer-se luz e com esta, entusiasmado, não pude deixar de exclamar como outrora Arquimedes:

Com efeito, após minuciosa e cuidadosa contagem pelos dedos, cálculo mental, etc., etc., descobri que o ano de 1950 fez a sua entrada ao domingo e que por consequência, segundo velhas usanças e andanças, será infalivelmente dominado pelo planeta Sol.

Sabido isto, restava-me agora apenas devassar os defetos e virtudes do Astro-rei, e neste ponto é que a «bota» se me apresentava muito mais diffil de descalçar.

Que fazer?... Para fazeres males grandes remédios. Dettel, pois, abaixo as minhas estantes e, entre velhos calhamaços e cartapáccos, deparei com um carcomido alfarabio, póire de vetustez, intitulado:— **SYGNOMIA E VARIOS SEGREDDOS DA NATUREZA**, impresso em Lisboa no ano de 1779, com llicença da Real Mesa Censória, e cujos esclarecimentos vão tirar-me de apuros.

Referindo-se ao planeta Sol resa assim o tal alfarabio:

«O Quarto Ceo está apartado da terra pela parte concavados contos 375 mil legoas, o qual tem de circunferência 14 contos e 280 mil legoas, e seu corpo tem de grossura, hum conto e 295 mil legoas.

Deste quarto Ceo não há mais que hum Astro, e este he o Sol, o qual está no me-yodos sette Planetas, como Rel, e Seahor delles, comunicando-lhes sua luz e resplendor.

Este Planeta, ou Astro do Sol he mayor q toda a terra cento e sessenta e sessenta e seis vezes, e assim terá seu corpo de redondeza, hum conto setenta, e cinco mil e seiscentas e oitenta legoas.

Caminha o Sol de levante para Poente em huma hora quinhentas e noventa e cinco mil legoas.

A natureza, deste planeta he quente, e secca temperadamente, por cuja causa se melhorão, e aperfeição todos os frutos de terra, e por seu respeito crescem, e chegão a perfeição as plantas, e hervas do campo. E deu-lhe Deos nosso Senhor tanta virtude, e excellencia, que veyo a dizer o Filosofo, que *Sol E homo generant hominem*: Isto he, que o Sol e o homem gerão ao homem.

Todos os que nasceram debaixo do domfado do Sol, são bons para mandar, reger, e governar, e para cargos importantes, e exercitar officios

pubricos. Os quais são bons para inventar cousas novas, treças, e novas artes.

Ora munidos destes preclio, e de outros elementos já não recelo de enfrentar até o emelente Alfragano, e muito menos de trahir o oroscópio pedido.

Assettel, poi, o meu telescópio. Fi-lo girar em todas as direcções do orbe, auscultel, espiretel, e, depois de tujo muito bem visto e ponderado, cheguei ás seguintes previsões, as quais reputo certas, se não falharem:

a) — Que durante o ano de 1950 — Ano Santo — os nossos amigos fenaiaenses continuarão a fazer o trajecto de Fiaes para a Vila e desta para Fiaes, montados nas *garulas*; b) — *Mutatis mutandis*, para os povos da Gave, Couso e Parada, a mesma coisa; c) — também os chavaienses não-de continuar a fazer o percurso do Viso para a Igreja e vice-versa; tem... motor *butes*; d) — Os palatinenses, para não perderem o treino a que já estão acostumados, continuarão a calcar lama pela «estrada» de Sá; e) A letra da alinea anterior e em tudo applicável aos moradores de Cavaleiros e suas imediações; f) Os gavienenses continuarão a enterar os seus queridos mortos naquelo e cadifro a que por escarneo chamam cemitério, mas não merece tal nome; e g) — Por fim, nesta carangujofa a que chamam terra haverá abundância de milho, motivo este porque muitos pedirão *bataishas*.

Enfim, que estes prognósticos se não cumpram são os ardentes votos do tal observador *das duasias*; e, quanto ao mais.

Deus Super Omnia.

Mário

Parada do Monte, 23

Após prolongado sofrimento faleceu no dia 18 de Dezembro a Srna Maria Esteves Barreira, do lugar do Tablado, de 47 anos de idade. Também faleceu no dia 17 o Sr Manuel Alves de Castro, de 75 anos de idade.

Com a morte deste perde a freguesia um grande homem. A vaga deixa, da por este homem nunca mais será preenchida. O seu nome era bastante conhecido em todo concelho.

Ao grande morto desejamos que a sua alma repouse em paz e a familia enlutada enviemos as nossas sentidas condolencias. —C.